

HOLÍSTICA:
UMA NOVA VISÃO
E ABORDAGEM
DO REAL

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
-------------------------	----------

PARTE I - VISÃO E ENFOQUE HOLÍSTICOS

CAPÍTULO 1: A VISÃO HOLÍSTICA DO REAL

O termo “holística” e suas utilizações	12
Visão holística	13
A abordagem holística do Real	17
O movimento holístico.....	18
A experiência holística	21
A barreira da linguagem para um vocabulário holístico	29
A visão holística na vida cotidiana	31

CAPÍTULO 2: PRÁTICA DA ABORDAGEM HOLÍSTICA NA EXISTÊNCIA

Um espaço de encontro entre arte, espiritualidade, filosofia e ciência	37
Níveis de expressão do Real	42
Áreas de localização dos obstáculos	43
Estratégias de correspondência entre os níveis de energia e as áreas dos obstáculos	44
Obstáculos localizados no ser humano	45
Obstáculos na sociedade humana	47
Obstáculos na natureza	50

PARTE II - POR TRÁS DO EGO

CAPÍTULO 1: POR TRÁS DAS MÁSCARAS

As principais teorias ocidentais.....	60
Pontos de vista da abordagem tradicional	72
Reflexões conclusivas	74

CAPITULO 2: QUE LUZ?

I - O despertar para a luz	77
De que se trata?.....	79
A abordagem científica	80
Um pouco de história... ..	80
Ver mais claro	84
II - Como reconhecer um ser iluminado	85
Diagnóstico diferencial do nível evolutivo	86
III - Critérios de identificação do transpessoal	93
Que é essa Luz?	97

CAPITULO 3: O ENCONTRO ENTRE A CIÊNCIA E A TRADIÇÃO

É possível o encontro entre a ciência e a tradição?	105
Uma reação às extrapolações prematuras	106
A Declaração de Veneza e a transdisciplinaridade	108
Possíveis pontos de concordância	109
Quais são as alternativas?	111

PARTE III - ALGUMAS QUESTÕES RELEVANTES

O que se entende por plena consciência.....	117
Os princípios aqui expostos não se inscrevem dentro de uma tendência idealista?	118
“Viver a realidade como ela é”: essa proposição não terá uma conotação conservadora?	119
Não haverá contradição entre defender a holística e propor o chamado rigor científico, dentro dos cânones cientificistas das especializações atuais?	120
A plena consciência não seria uma volta à religião?	122

INTRODUÇÃO

DEFINIÇÕES E ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS

Está na hora de levar ao público interessado, com maior clareza, a definição de um novo vocábulo que se introduz sub-repticiamente na linguagem científica e filosófica e cujas conotações epistemológicas são evidentes.

Já fizemos um primeiro esforço nesse sentido no nosso *Novo Vocabulário Holístico* (Editora Espaço e Tempo). O presente livro constitui um novo esforço. Nele o leitor encontrará uma série de trabalhos publicados na Europa nos últimos três anos. Eles respondem a esta necessidade e dão explicações indispensáveis a todos os que decidiram ingressar na nova perspectiva holística, que integra o antigo e o novo paradigma da ciência assim como a visão pessoal e transpessoal do Real e da existência.

Depois de definir e esclarecer a visão holística, a abordagem holística, a experiência holística e o movimento holístico, damos alguns exemplos de enfoque holístico. O primeiro ensaio coloca em questão a existência desse ego tão estudado pela psicologia moderna: quando são tiradas as máscaras, o que resta? O segundo, constitui uma contribuição bastante original ao principal enfoque da abordagem holística: a iluminação. O que é este fenômeno humano ou sobre-humano? De que se trata realmente? O que é um ser iluminado e como reconhecê-lo? De que luz se trata? O que significa, de fato, o transpessoal? Esta segunda parte termina abordando aquela que nos parece ser a questão essencial do encontro entre ciência e tradição: como pode o cientista compreender a tradição sem ter passado por uma experiência transpessoal? Isso é possível?

O livro dá também muitas elucidações aos que se perguntam quais as relações entre a abordagem holística e a psicologia transpessoal. Queremos deixar bem claro que a psicologia transpessoal continua seguindo o seu próprio caminho, tendo uma importância primordial no domínio das ciências. Foi ela que abriu, em grande parte, as portas para uma visão e uma abordagem holística no campo geral do conhecimento, a qual inclui o enfoque pessoal relativo e o enfoque transpessoal e absoluto.

I PARTE

VISÃO E ENFOQUE HOLÍSTICOS

CAPÍTULO 1

A VISÃO HOLÍSTICA DO REAL¹

“Os homens gostam de contemplar o mundo com os olhos de Deus e de compreender os segredos do além, por meio do pensamento humano.

Esse é o fruto da ignorância.”

Khalil Gibran

(La voix de l'éternelle sagesse, Ed. Dangles, St. Jean de Braye, 1978, p. 80.)

Há quinze anos uma palavra vem se introduzindo sub-repticiamente no vocabulário anglo-saxão e francês. Trata-se da palavra “holística”.

Nós a vemos aparecer não somente na imprensa científica (medicina, física, etc.) como também nos escritos que tratam dos caminhos tradicionais e da “nova era”.

Antes que o termo se deteriore, e em razão de sua significação profunda e seu caráter original, que respondem a uma necessidade autêntica, fizemos o esforço de examinar-lhe os principais aspectos e usos, num livro já publicado; apresentamos aqui um resumo, com o objetivo de ajudar o público a esclarecer seus aspectos essenciais.

Este esclarecimento nos levará a examinar mais detalhadamente aquilo que se pode entender por visão holística, abordagem holística e experiência holística.

Comecemos, portanto, pela definição do próprio termo.

O termo “holística” e suas utilizações

A palavra “holística” não é encontrada em nenhum dicionário francês; em alguns dicionários de filosofia encontra-se o termo “holismo”, cuja criação é atribuída a Smuts.

Em 1926, Smuts escreve e publica um livro intitulado *Holism and Evolution*. Filósofo sul-africano, ele foi um dos primeiros partidários do anti-apartheid; é Alfred Adler quem o descobre e lança na Europa.²

É ele, pelo que sabemos, o primeiro autor a empregar a palavra “holística”, além do termo “holismo”, que designa unia força vital responsável pela formação de conjuntos - de gestalts, dir-se-ia hoje; essa mesma força seria a formadora dos átomos e moléculas, no plano físico, da célula, no plano biológico, das idéias, no plano psicológico e da personalidade, no plano espiritual; o próprio universo seria um conjunto em constante formação.

Vários anos se passaram e só recentemente alguns autores de psicologia transpessoal se lembraram dele, como por exemplo Ken Wilber, em seu livro *Up from Eden*³.

Parece-nos difícil, até hoje, estabelecer unia relação entre a obra de Smuts e o emprego atual do vocábulo “holística”. Com efeito, a palavra é empregada atualmente na literatura da microfísica, de um lado, e da psicologia transpessoal, de outro.

Fala-se também da medicina holística, de uma visão ou perspectiva holística do real e da abordagem holística no domínio do conhecimento, mais particularmente em epistemologia e em hermenêutica.

Parece que a descoberta do princípio do holograma, no qual o conjunto da imagem é recuperado em todas as suas partes, propriedade explorada na neurologia por Karl Pribram e em física por David Bohm, foi um dos fatores do aumento apreciável da freqüência de uso desse termo e de outros criados mais tarde a partir da mesma raiz. Assim, fala-se em teoria holonômica do universo (David Bohm) e na tendência holotrópica de unia pessoa (Stanislav Grof). Em inglês, aproveita-se também a semelhança fonética entre os termos *wholeness*, ou inteireza, globalidade, plenitude, e *holyness*, ou santidade.

Holística vem do grego *holos*, que significa “todo”, “inteiro”. Holística é, portanto, um adjetivo que se refere ao conjunto, ao “todo”, em suas relações com suas “partes”, à inteireza do mundo e dos seres.

Parece-nos conveniente estabelecer uma clara distinção entre vários substantivos de que esse termo é o adjetivo qualificativo, ou seja, a visão ou perspectiva holística, a abordagem holística, o movimento holístico e a experiência holística.

Definamos, pois, sucessivamente, essas palavras.

Visão holística

Como reação à visão newtoniano-cartesiana de um universo fragmentado, característica de um paradigma substancialista e mecanicista, instala-se de maneira progressiva um novo paradigma holístico, isto é, que traduz uma perspectiva na qual “o todo” e cada uma de suas sinergias estão estreitamente ligados, em interações constantes e paradoxais. Esta última definição foi adotada pela Universidade Holística Internacional de Paris, em 1986, e incluída em seus estatutos.

Foi usada por Monique Thoenig em suas conferências e seminários, a partir de 1975.

Eis, portanto, unia primeira maneira, bastante intelectual, de definir a visão holística a partir do paradigma holístico. Nesse paradigma, encontramos diferentes termos que talvez fosse necessário tornar mais precisos.

Citemos de início o texto completo da definição:

Este paradigma considera cada elemento de um campo como um evento que reflete e contém todas as dimensões do campo (cf. a metáfora do holograma). É uma visão na qual 'o todo' e cada uma de suas sinergias estão estreitamente ligados, em interações constantes e paradoxais.

Examinemos agora os termos essenciais.

Thomas S. Kuhn, em seu livro *A estrutura das revoluções científicas*, elabora um modelo que caracteriza os modos de pensamento, hábitos, valores e comportamentos dos cientistas numa época determinada; toda a revolução científica se traduz, portanto, por uma mudança de paradigma.

O texto insiste no fato, enfatizando-o, de considerar cada *elemento* como um *evento*. O que isso significa? Talvez esteja aí o aspecto mais importante da definição, pois mostra o ponto essencial sobre o qual se efetuou a revolução: enquanto no antigo paradigma considerava-se o universo como constituído, em sua microestrutura, de elementos substanciais materiais e permanentes, a física quântica substituiu, como mostra mais particularmente Stéphane Lupasco, a noção de elemento pela de *evento*; um evento luminoso, um evento energético, eis aquilo em que se transforma a partícula "elementar". É bem isso, sem dúvida, o que distingue também a teoria geral dos sistemas e o estruturalismo da sistemologia de Lupasco⁴.

Cada evento de um campo reflete e contém todas as dimensões do campo. Os autores da definição se apóiam no holograma para ilustrar aquilo de que falam, considerando o holograma como uma metáfora. Não se trata, portanto, de declarar que o universo é um holograma, mas que ele se comporta tal conto se fosse um holograma. Ao fazê-lo, os autores dão o exemplo ao evitarem toda a extrapolação prematura de um modelo particular sobre o modelo geral do universo, armadilha na qual é muito fácil cair. O modelo holográfico, como se diz, encontra uma correspondência na tradição ou nas tradições espirituais que nos mostram que o todo se encontra em todas as partes e que o microcosmo reproduz o macrocosmo. Com muita prudência, o texto evita, nos "eventos" de que falamos, empregar o termo "partes"; os autores preferiram o vocábulo *sinergia*, isto é, eventos energéticos em harmonia sintônica, estreitamente ligados, segundo o texto, em interações constantes e paradoxais. O caráter *paradoxal* dessa interação é, sem dúvida, uma alusão aos diferentes paradoxos com que se defronta atualmente a física quântica, na qual os eventos se tornam ilógicos do ponto de vista da lógica formal de não-contradição, habitual na macrofísica. No princípio do *bootstrap*, por exemplo, uma partícula é ao mesmo tempo todas as outras partículas; a lei de Planck afirma que uma onda é feita de partículas e que uma partícula é uma onda; da mesma maneira, tanto a teoria holográfica como a Tradição afirmam que o todo está em todas as partes, o que aparentemente contraria o princípio da relação conteúdo-continente. Assim, quando se fala de *paradoxo*, fala-se evidentemente do

ponto de vista de uma antiga lógica de não-contradição. Uma nova lógica está em pleno desenvolvimento, desde os trabalhos de Lupasco⁵.

A perspectiva holística implica um espaço sem nenhuma fronteira geradora de dualidade e causadora de conflitos; citemos algumas:

Sujeito	–	Objeto; Espaço interno	–	Espaço externo;
Pessoal	–	Transpessoal; Relativo	–	Absoluto
Espírito	–	Matéria; Ser – Não-Ser; Eu	–	Não-Eu;
Real	–	Imaginário; Bem–Mal;		Sentimento–Razão

Ela reconhece sua existência num plano relativo, mas os ultrapassa graças à abordagem holística do real.

A visão holística, num certo sentido, é uma visão utópica, ou seja, não tem lugar definido, como exprime a etimologia do termo grego *utopeia*, que significa “sem lugar”.

Ora, querer exprimir o fato de o todo estar em todas as partes como algo semelhante ao que se passa, no plano físico, no holograma - o que é contrário à nossa lógica formal de relação entre conteúdo e continente - não equivaleria a desejar descrever como o infinito do Ser se limita no finito dos corpos físicos dos pequenos seres, que são também esse grande Ser, do mesmo modo como as ondas, aparentemente separadas umas das outras, são *também* o mar?

Definir essa visão holística seria, portanto, limitar, dar uma forma, limites, um fim, ao infinito do Ser; definir a visão holística não seria pedir ao Ser que se descrevesse a si mesmo? Isso implicaria hipostasiá-lo, fazer dele uma pessoa limitada que se examinaria numa espécie de autoscopia. Para evitar essa hipostasia, criamos o termo “holoscopia”, o qual significa que, em suas partes menores e através destas, o Ser examina a si mesmo de maneira infinita; poder-se-ia dizer, nesse sentido, que a visão holística do real, essa “holoscopia”, seria a soma de todas as visões limitadas de todos os seres. Chegamos dessa maneira a evitar a projeção antropomórfica do ser humano no Ser? A resposta depende, sem dúvida, do grau de realização de cada ser humano; quanto mais a visão deste for limitada pelo seu ego, tanto mais forte será a hipostasia do Ser; quanto mais ele for transparente ao Ser, tanto mais ampla será “sua” visão holística; um ser transparente por completo será, por sua vez, a visão holística, porque não haverá mais separação entre o “visionário”, o objeto da visão e a própria visão; não haverá senão o Ser. A ilusão de ótica do pequeno ser distinto, ilusão sem dúvida funcionalmente necessária à holoscopia, terá desaparecido, para dar lugar ao Ser propriamente dito.

Pode-se então falar ainda de visão holística? Não teríamos chegado ao limite em que se impõe, tão-só, o silêncio?

Esse ponto de vista nos leva diretamente à questão da abordagem holística do real; como veremos, o silêncio tem o que dizer a respeito...

A abordagem holística do real

Essa abordagem é o conjunto de métodos que permitem ao homem a compreensão da perspectiva holística.

Podemos agrupar esses métodos em duas grandes categorias:

–Aqueles que visam um conhecimento holístico pelos caminhos intelectuais ou experimentais: o estudo de textos referentes à Tradição, que permite classificar e reconhecer a vivência do real. A especulação consiste em confrontar e estabelecer correspondências entre as hipóteses ou conclusões da pesquisa científica para levantar novas hipóteses. A experimentação, por sua vez, consiste em verificar essas hipóteses, se tal coisa se revelar possível. Demos o nome de “holologia” a essa primeira categoria de abordagem.

A holologia implica a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, conforme a Declaração de Veneza, e tal como definida, em especial, por Basarab Nicolescu: isto é, refere-se ao encontro entre a ciência, a arte e a tradição.

–A segunda categoria comporta os métodos que levam a uma vivência ou experiência holística direta pelos caminhos tradicionais, como a ioga, em suas diferentes formas hinduístas ou budistas, o *zazen*, o *sufismo*, o *hesicasma*, a cabala judaica, as artes marciais – como o judô e o aikidô –, a alquimia de diferentes tradições, bem como os caminhos ocidentais de realização. Podemos também incluir as primeiras tentativas modernas originárias da psicologia transpessoal, como a psicoterapia iniciática, a psicossíntese, o treinamento Arica, o vaso de isolamento senhorial e o nosso cosmodrama. Estes últimos constituem métodos de sensibilização de perspectiva holística, e demonstram a possibilidade de um acesso direto à experiência da vivência holística.

Demos o nome de holopraxis ao conjunto dessas práticas de abordagem holística direta do real.

Temos, portanto, para resumir, dois tipos de abordagens holísticas: a *holologia*, que leva a um conhecimento intelectual e experimental, a qual constitui a tendência científica da abordagem holística; a *holopraxis*, por sua vez, leva a uma vivência direta do real - é a tendência tradicional e experiencial dessa abordagem.

A abordagem holística implica uma sinergia entre a holologia e a holopraxis, inseparáveis como as duas asas do pássaro para que este voe, ou como os dois hemisférios cerebrais para conhecer e criar.

No que se refere à holopraxis, desejamos destacar uma forma mais geral e mais superficial, se bem que necessária, de prática holística, na qual se acham engajadas milhões de pessoas. Trata-se do movimento holístico.

O movimento holístico

Aquilo que chamamos de “fantasma da separatividade” é o fato de se criarem fronteiras em todas as regiões do espaço, as quais jamais existiram senão no espírito onde nascem e onde se mantêm, alimentadas por diferentes consensos. Essas divisões artificiais

e ilusórias engendram toda a espécie de conflitos e sofrimentos e levam, no plano individual, à tensão e à moléstia, e, no plano coletivo, à agressão e à guerra.

O movimento holístico é uma resposta à separatividade criada pelas fronteiras; essa reação é mais ou menos consciente, lúcida e organizada, segundo o caso.

Podemos citar alguns exemplos:

- ***Fronteiras nacionais:***

Organização das Nações Unidas e seus satélites, como a Unesco, a OMS, o BIT; as organizações não governamentais; Cruz Vermelha Internacional; a paleontologia; os correios internacionais; os “cidadãos planetários”; e mais de 24.000 outras organizações, que estabelecem pontes sobre as fronteiras entre os países do planeta.

- ***Fronteiras econômicas:***

Os diferentes movimentos socialistas; as organizações de ajuda Norte-Sul do planeta; os bancos internacionais de assistência aos países em vias de desenvolvimento.

- ***Fronteiras do conhecimento.***

Sistêmica e sistemologia; congressos e reuniões interdisciplinares; a revolução da informática; a Declaração de Veneza; a Universidade Holística Internacional.

- ***Fronteiras religiosas:***

Movimento ecumênico das Igrejas; encontros, colóquios e congressos inter-religiosos; organizações para o encontro das religiões; experiências comunitárias inter-religiosas.

- ***Fronteiras entre os caminhos tradicionais:***

Reuniões e encontros entre representantes de diferentes caminhos tradicionais do Oriente e do Ocidente.

- **Fronteiras entre o homem e a natureza:**

A ecologia; as associações protetoras dos animais; os movimentos de defesa contra os perigos da energia nuclear; os remédios naturais; a medicina holística.

- **Fronteiras intergrupais e interpessoais:**

A dinâmica de grupo; o psicodrama e o sociodrama; as terapias familiares; as comunidades terapêuticas; a intervenção psicossociológica nas empresas; o desenvolvimento organizacional.

- **Fronteiras intrapessoais:**

A psicoterapia; a medicina psicossomática; a psicologia transpessoal; a ioga.

- **Fronteiras entre sujeito e objeto:**

As abordagens da ioga, da *meditação*, e todas as formas de holopraxis descritas acima.

Assim, essa forma de prática holística destaca um dos aspectos de abordagem holística, o qual consiste em lançar pontes sobre todas as fronteiras, embora sabendo que o espaço não tem fronteiras.

No tocante à inexistência desses marcos delimitativos no espaço, é necessário chamar a atenção do leitor para o perigo das conclusões precipitadas a respeito. Pode-se concluir, com efeito, a partir do fato de não haver fronteiras num plano absoluto, não ser mais necessário respeitar essas fronteiras no plano relativo. Ora, neste último, elas existem. Embora imaginárias e reforçadas pelos consensos, entre os homens elas são até mesmo objeto de leis; tomemos, por exemplo, as fronteiras nacionais ou relativas à propriedade, ou os limites morais, ou simplesmente os limites do respeito à vida, que são necessários à sobrevivência.

Assinalemos de passagem que mesmo entre os animais há limites territoriais, muito bem estudados em etologia a partir dos trabalhos de Konrad Lorenz; certos peixes, por exemplo, mudam de cor se outro peixe invadir seu território. Os ratos matam uns aos outros e entram em guerra se forem muito numerosos e o território não for suficiente. Esse território existe até entre os homens; parece ser proporcional ao grau de confiança ou de desconfiança com relação ao ambiente circundante, o que mostra bem seu caráter imaginário.

Eis por que o sábio, a cada momento de sua existência, se adapta aos limites impostos pelo seu ambiente e os respeita, mesmo sabendo que, num plano absoluto, são artificiais.

Isso nos leva à última parte desta exposição.

A experiência holística

Ela é resultado da abordagem holística do real, particularmente da holopráxis. Consiste em ultrapassar toda a dualidade, mediante uma vivência holística que integra e transcende a dualidade entre pessoal e transpessoal, e entre o mundo relativo e o absoluto.

Desemboca numa atitude de profunda compreensão e de presença em todos os atos da vida cotidiana, numa disponibilidade e abertura irrestritas em relação a toda criatura, num amor equânime e incondicional.

Esse termo sintetiza num só vocábulo aquilo que diferentes culturas tradicionais exprimiram com diversas expressões: samádi, nirvana, satori, Reino do Pai ou dos Céus, *devekuth*, *fana*, e, mais recentemente, “experiência mística”, “êxtase”, “consciência cósmica”, “experiência transcendental” ou “experiência transpessoal”.

Ela é o desfecho de uma atitude holística para com a existência, resumida por tudo aquilo que acabamos de descrever.

Com o tempo e a prática, a experiência holística de caráter esporádico se transforma numa vivência holística estável e permanente.

Já descrevemos suficientemente a experiência transpessoal e o estado transpessoal em outros trabalhos⁶, que os interessados poderão consultar.

Desejamos acentuar aqui uma das origens da formação da visão holística; ela se encontra na história da psicologia transpessoal; é o resultado dos seus quinze primeiros anos de experiências e observações.

À medida que se desenvolviam a psicologia transpessoal e suas aplicações em educação e, em especial, na psicoterapia, perceberam-se progressivamente os seguintes fatos:

- 1º. Numerosas pessoas adotaram as técnicas de meditação como instrumento de fuga inconsciente das responsabilidades da vida cotidiana, tais como: ganhar a vida com o trabalho, ocupar-se do lar ou dos filhos.
- 2º. Outras adotam terapias de regressão a vidas passadas, à vida intra-uterina ou ao nascimento, esperando encontrar nestes a origem de sua neurose, embora ela se situe muitas vezes nesta vida. Trata-se, com muita freqüência, de resistência, quer dizer, de medo inconsciente de ter que reviver traumas dolorosos ou penosos de um passado infantil.
- 3º. Certas pessoas, depois de terem tido uma experiência de luz interior ou de visão de seres de outra dimensão, imaginam ter chegado à realização plena e se consideram sábias. Não obstante, uma observação, mesmo superficial, mostra que o ego aproveitou-se da experiência para desenvolver seu orgulho.
- 4º. Algumas outras já não chegam ou já não “desejam” chegar ao estado de consciência de vigília, deixando-se permanecer num estado de regressão a estágios bastante arcaicos. Também aqui trata-se de uma fuga da chamada realidade cotidiana, muitas vezes insustentável.
- 5º. A maior parte da humanidade, como mostram as tradições, é vítima de uma neurose de base que denominamos a neurose do paraíso perdido. Ela se

traduz, sobretudo, por sentimentos e emoções que causam todo o sofrimento moral: entre outros, o apego, o ódio, o orgulho e o ciúme. É, evidentemente, bem mais fácil se isolar do mundo para desenvolver uma pretensa dimensão transpessoal do que ocupar-se da melhoria da qualidade das relações com os semelhantes.

Por todas essas razões, recomenda-se cada vez mais, na psicologia transpessoal, trabalhar primeiro com os problemas pessoais essenciais, antes de pretender alcançar um estado transpessoal. As grandes tradições não procedem de maneira muito diferente: elas também insistem, acima de tudo nos primeiros anos, na necessidade de uma metamorfose, que transforme as energias destrutivas próprias do ego em sentimentos de amor e atos de compaixão.

Eis por que a abordagem holística consiste em levar em consideração tanto a pessoa como aquilo que a ultrapassa, tanto a máscara como a vibração do Verbo que a atravessa (*per-sona*).

Além disso, essa abordagem tende a ultrapassar a aparente oposição entre o pessoal e o transpessoal, entre a matéria e o espírito, ou entre o ser e o Ser.

A realidade vista da perspectiva do ser é fragmentada; ele se vê separado do Ser, que projeta no exterior de si mesmo ou daquilo que percebe como tal.

Vista da perspectiva do Ser, sobrepondo-se à contradição e à descontinuidade e subjacente a esta, existe continuidade entre o Ser, a Existência e a Experiência.

Essa continuidade é descrita em diferentes tradições, seja de forma explícita, seja metafórica. Poder-se-ia citar o Buda, ou Jesus, que nos falam das relações entre o branco e as cores,⁷ ou o Vajrayana tibetano,⁸ entre outros. Demos a essa continuidade o nome de *holocontinuum*.

O Ser em si ou ser essencial tem sua própria lógica, por nós chamada *holológica*, que é o fato de simplesmente ser; muitos nomes foram dados pelos filósofos ou teólogos a essa holológica, tais como: quiddidade, ipseidade, esseidade; todos esses termos significam que chega um momento em que a questão “por quê?” não tem mais sentido, em que as coisas são o que são; é isso o *holocontinuum* do Ser na Existência e na Experiência.

É bem isso, sem dúvida, que é vivido na experiência holística: a presença do aberto na Existência por intermédio da Experiência cotidiana. Os pequenos seres que somos nós têm, assim, a escolha de serem seres despertos ou seres comuns; para estes últimos, um véu os faz viver num mundo dividido e fragmentado; num desperto não existe esse véu.

Des-velar o mistério que leve o Ser a “tornar-se” seres velados - não é esse, para eles, o sentido de “sua” existência? Não seria essa a questão teleológica fundamental?

Se bem que de uma maneira extremamente esquemática e simplificada, podemos utilizar o símbolo do infinito (∞) para dar uma representação visual dessa questão fundamental.

Fig. 1 - O Espaço: potencial do todo



Fig. 2 - O ponto: programa do todo



Fig. 3 - A formação da dualidade

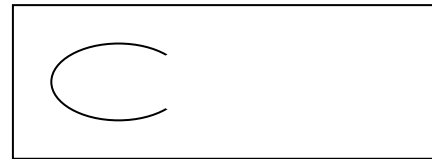


Fig. 4 - O retorno ao ponto e ao espaço

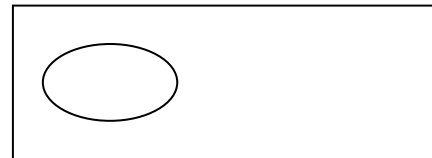


Fig. 5 - Nova manifestação

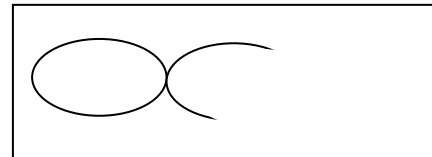
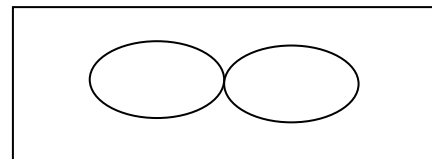


Fig. 6 - O movimento infinito



Suponhamos que o “aberto” seja o espaço da figura nº 1. Esse espaço, que parece vazio, possui uma única característica, a de Ser; é uma representação holológica. Essa vacuidade não pode ser vazia, porque dela emana o ponto radiado da figura nº 2. É esse aberto que “compõe” tudo, mas que contém também o potencial de tudo. Essa abertura total e irreduzível chama-se em tibetano *stong-pa*, que podemos por certo aproximar do Ein Sof da tradição cabalística judaica, ou talvez, da mesma maneira, da Treva Supra-essencial de Dionísio o Areopagita, na tradição cristã.

Seguindo a tradição tibetana do Dzog-Chen, o Ser, ao passar pela Existência, apresenta uma dinâmica própria que denominamos holodinâmica, mantendo o espírito de evitar termos hipostasiantes do Ser, como, por exemplo, autodinâmica. Essa holodinâmica, representada na figura nº 2, tem caráter triádico. Seus três aspectos essenciais são:

- a) O caráter aberto ou *holespacialidade* - o *stong-pa* tibetano, de que acabamos de falar;
- b) uma alta energia irradiante ou *holo-radiação*, que evita que esse espaço seja vazio. Ela se chama, em tibetano, *gsal-ba*. Podemos dizer que, sem essa radiação, a existência desse espaço não seria possível; e
- c) uma inteligência intrínseca do Ser, uma presença chamada *rig-pa*. É a holoscopia, que já mencionamos antes.

Esses três aspectos da holodinâmica do Ser, embora já estejam na Existência, ainda são *atemporais*; além disso, são indissociáveis; não há entre eles relação linear de causa e efeito; são mutuamente complementares.

Esses são os três aspectos que fazem do Ser em Existência um *holos*, aplicando-se sua complementaridade a todos os níveis experienciais da existência.

Na figura nº 2 ainda nos encontramos, portanto, num estado incondicionado. E nesse estado, ainda, que se efetuará a estruturação potencial do Ser como Existência; trata-se de uma auto-estruturação, uma constante autogênese; podemos falar de um caráter *holopoiético*. Não podemos entrar aqui nos detalhes dessa gênese. Estão expostos no livro de Herbert Guenther já citado na nota 8, de que representamos um pálido resumo num trabalho recente (nota 3). Podemos dizer aqui que essa gênese holopoiética desemboca num *holo-sistema* que Guenther chama de “gestalt formal”, composta, por assim dizer, por três subsistemas inseparáveis do holo-sistema. Digamos, de passagem, que a abordagem fenomenológica daquilo que constitui os resultados da vivência dos grandes mestres tibetanos apresenta certos pontos de convergência com a física moderna, algo que Guenther assinala ao longo de sua obra.

Esses três subsistemas contêm e produzem a informação necessária à Existência do Ser na Experiência. Um primeiro subsistema, o sistema *holoaxiológico*, garante o *holocontinuum* do aberto e sua significação de Ser em sua onipresença holoespacial. Esse seria o espaço da figura nº 1.

Um segundo subsistema, o sistema *holocênico*, permite a constituição do cenário onde se desenrolará o drama. Esse cenário é o espaço-tempo em que a existência é possível graças à *onipotência* da holo-radiação. Seda a radiação da figura nº 2.

O terceiro subsistema é o sistema holodramático, pelo qual o Ser, aberto e irradiante, depois de ter escrito seu próprio roteiro sob a forma do holocenário, estabelece sua própria cena e produz a informação necessária à expressão do seu drama. Seria o

ponto da figura nº 2, que representa a onisciência do Ser em Existência, a qual garante sua holoscopia.

Esses três subsistemas são, na realidade, indissociáveis, estando em constante interação. Correspondem às representações trinitárias de diferentes tradições espirituais, cujo estudo comparativo se revelará, por certo, muito rico em descobertas.

A figura nº 3 nos conduz ao plano da Experiência existencial propriamente dita, onde aparece a dualidade, isto é, na qual os seres percebem os fenômenos ou os sujeitos percebem os objetos. O holodrama se desenvolve completamente dessa vez, e faz parte da programação ou holoprograma, cuja informação provém do sistema holodramático. Ele pode traduzir-se pela vivência da dualidade entre os seres comuns ou pela vivência trinitária entre os seres despertos. Trata-se, nos dois casos, de um jogo - *lilas* em sânscrito, que traduzimos pelo *hololudismo* do Ser através da Experiência existencial -, de uma espécie de miragem, filme ou ilusão de ótica; a única diferença é que o ser desperto não se deixa prender por *maya*, a ilusão, enquanto o ser comum a vê como a única realidade.

Um ser comum que deseje “despertar” e sair dessa ilusão deverá perceber completamente a natureza relativa e interdependente do sujeito e do objeto, bem como o fato de que ambos são fenômenos, emanações do Ser. Será necessário que perceba que aquilo que considerava como uma heteroscopia do objeto, por si mesmo como sujeito, não é, afinal, senão uma holoscopia; poder-se-ia dizer, talvez, que é justamente pela heteroscopia que se realiza a holoscopia, o que dá um sentido à experiência do ser comum. O mesmo ocorre no plano da holo-irradiação: o amor e a compaixão podem ser vistos como uma *heterofilia*, que permite uma maximização daquilo que denominamos *holofilia*. Assim, em toda aliança, um ser comum - se a fizer com sabedoria e amor -encontrará padrões para um dia realizar não apenas sua natureza respectivamente holoscópica e holofílica, mas também sua inseparabilidade, já que, ligadas ao aberto, elas lhe traduzem a inteligência e a irradiação.

Mas, quer ele o vele ou não, a holoprogramação prevê o retomo do estado de consciência dualista do ser ao estado de Ser. A metáfora do símbolo do infinito que utilizamos aqui pode aplicar-se tanto a uma visão cósmica como a uma visão individual. Essa queda na dualidade da Árvore do Conhecimento se faz na cabeça; é nesta que começa sua gênese, no plano mental, e é também aí que termina, pelo retomo à Árvore da Vida. Como mostra André Chouraqui, o Gênese principia com a palavra bereschith, que quer dizer “cabeçalho”, e que pode bem ser interpretada como “na cabeça”. A escatologia pode ser coletiva ou individual. É o que representa a figura nº 4.

Terminado esse ciclo, tudo recomeça (figura nº 5) num movimento infinito.

Convém fazer uma ressalva a essa descrição do ciclo que acabamos de efetuar: ela é, em si mesma, uma representação linear de uma sucessão no espaço-tempo; trata-se, portanto, de uma descrição relativa, limitada pela linguagem, limitação de que falaremos agora.

A barreira da linguagem: para um vocabulário holístico

A experiência holística é, antes de tudo, inefável; trata-se mesmo de uma das características que encontramos em quase metade dos testemunhos recolhidos até hoje e submetidos a análises de conteúdo. “Não tenho palavras para exprimir o que se passou” – eis uma afirmação clássica.

É precisamente aí que reside o maior obstáculo à comunicação entre os membros de uma tradição, bem como entre a ciência e a tradição, na abordagem transdisciplinar.

Esse caráter inefável parece dever-se a grande número de fatores:

1. O caráter *não dual* dessa experiência faz, como já repetimos inúmeras vezes, seguindo a maioria das tradições, com que não se trate mais de uma experiência: o observador ou o experimentador, o objeto da experiência e a experiência propriamente dita já não se distinguem; sujeito e objeto não são mais percebidos como separados.

2. O caráter *eminente* discriminativo da linguagem: toda a palavra, seja qual for, efetua um recorte no real e pode ser considerada dual. Mesmo as tentativas de uso de prefixos como *meta*, *trans*, *inter*, implicam ainda uma dualidade.

3. A vivência transpessoal se acha *além do pensamento*; ora, como exprimir pelo pensamento, que implica a linguagem, uma vivência de natureza essencialmente não verbal?

4. *Nossa linguagem* é pobre em expressões diretamente ligadas à vivência transpessoal, o que não ocorre com o sânscrito nem com o tibetano, nos quais, pelo contrário, abundam os termos transpessoais. Mas, mesmo nessas línguas, os grandes mestres preferem usar metáforas e símbolos para o comum dos mortais e reservar os termos específicos àqueles que já passaram pela vivência transpessoal.

5. O caráter *paradoxal* de certas afirmações contidas nos testemunhos. Eis alguns exemplos: “a forma é vazio e o vazio é forma”; “não havia mais dentro nem fora”; “eu estava no Todo, e o Todo estava em mim; ele era, na verdade, eu mesmo”; “eu era aquela luz que eu via”; “eu me tomara a árvore que estava diante de mim”; “eu me encontrava em toda a parte ao mesmo tempo”, etc., etc.

Um grande esforço será necessário para decifrar em cada língua o vocabulário disponível na ciência e nas tradições, bem como para criar neologismos no caso da inexistência do termo correspondente.

Foi isso que fizemos numa primeira tentativa publicada no Brasil.⁹ Encontrar-se-ão naquela exposição exemplos de neologismos a partir do prefixo *holo*, criados por diferentes autores ou por nós mesmos. Para além do significado dos prefixos *homo*, *auto*, *hetero*, não haverá *holo* que os ultrapasse ao integrá-los?

Pode-se, evidentemente, criticar esses autores, acusando-os de complicar um assunto que já é bastante complexo ou de tentar dar ou criar conceitos sempre relativos, como acabamos de ver, substituindo metáforas e frases simples e compreensíveis para todos, por termos eruditos e, para muitas pessoas, rebarbativos.

Embora estando de acordo com esse ponto de vista, também devemos pensar nas exigências dos cientistas, os quais, por sua formação e exigência de precisão semântica, não podem se contentar com determinadas terminologias, por mais belas ou poéticas que possam ser.

Como a abordagem holística se dirige a públicos diferentes, a visão holística sem dúvida lhe pode ser transmitida por diferentes modos de expressão: literário, poético, teatral, pictorial, coreográfico e musical.

Terá então, a visão holística, algo a dizer na vida cotidiana? E o que vamos examinar a seguir.

A visão holística na vida cotidiana

Poder-se-ia pensar que tudo que acabamos de apresentar não tem nenhuma relação com a vida prática e que esse é um assunto reservado aos filósofos e místicos.

Muito pelo contrário. A experiência mostra que aqueles que de fato realizaram em si mesmos, de modo profundo, esse “aberto”, são os mais eficientes, tanto em sua vida pessoal como na vida social. Mais do que isso, eles se transformam em pólos de irradiação dessa sabedoria primordial de que são os intérpretes; sua disponibilidade energética parece não ter limite.

Além disso, a visão holística dá aos diferentes domínios da cultura uma força incomparável.

Na educação, ela contribui para corrigir a enorme deformação efetuada a partir do final do século XIX e que se agrava a cada dia que passa: a intelectualização levada ao extremo. Embora o racionalismo científico reforçado por essa deformação nos tenha trazido bem-estar material, conforto e “progresso” tecnológico, não teria isso ocorrido à custa de uma visão global das coisas, dos valores do amor, da beleza, do sentido profundo da vida, do respeito a todos os seres, enfim, à custa da dignidade humana? Não vamos pagar muito caro pelo esquecimento dessa parte essencial simbolizada pelo coração?

Que pode fazer um navegador sem bússola? A visão holística na educação despertará na criança, assim como no adulto, essa imensa força de sabedoria e de amor oculta no coração de cada um.

Na medicina, a visão holística resolverá o problema, que se tomou crônico, do conflito entre o generalista e o especialista; não somente a transdisciplinaridade terá o que dizer, mas as novas gerações de médicos, imbuídas do espírito da abordagem holística na educação, aprenderão a corrigir os efeitos da superespecialização médica, na qual se perdem, igualmente, os médicos e os pacientes; os pacientes se transformarão em amigos, e assim serão tratados; a relação fria do laboratório será substituída por uma troca energética, seguindo o exemplo da medicina chinesa e aiurvédica. Toda a terapia será pessoal e transpessoal.

Na agricultura, particularmente sob a influência das descobertas ecológicas e da reação biodinâmica à toxicidade dos fertilizantes e pesticidas químicos, a visão holística se imporá com naturalidade bem maior, porque os camponeses, graças ao seu contato direto com a natureza, estão em condição de observar a interdependência de tudo o que existe; além disso, sua observação cotidiana ou sazonal os faz ver *in vivo* a impermanência e a constante transformação do natural. Sabendo que tudo se transforma, estão a um passo da descoberta da visão holística.

No trabalho humano e nas organizações, a visão holística já começou a introduzir aquilo que hoje é chamado de cultura organizacional; é uma nova cultura que está em plena gestação em certas organizações de ponta. Existem várias teorias a respeito. Tem-se o hábito de agrupá-las em tomo de duas letras: *x* e *y*. A *teoria x* parte do ponto de vista de que o homem não trabalha se for constrangido por uma força e um sistema autocráticos. A *teoria y* estima que o homem trabalha se for motivado, e se lhe forem dadas condições materiais e de conforto. A primeira não vê senão o ponto de vista da organização; a segunda só focaliza o ponto de vista do trabalhador. Seguindo uma outra teoria, é necessário criar uma cultura organizacional que maximize os esforços da organização e dos trabalhadores para a obtenção de resultados que atendam aos interesses comuns. A *teoria z* enfatiza a visão holística. As obras de Abraham Maslow abrem um fértil caminho de pesquisa; sua tese tende a colocar em evidência o fato de as organizações de maior sucesso e os dirigentes mais respeitados e eficientes serem aqueles que realizam a si mesmos e cultivam os grandes valores da humanidade, aquilo que ele chama de metamotivos: a beleza, a verdade, a integridade, a amizade, a harmonia, etc.

Evidentemente, essa teoria tem claras implicações de natureza *política* e *econômica*. Nesse sentido, podemos prever, como o faz, por exemplo, Fritjof Capra¹⁰, que o novo paradigma terá um efeito benéfico no que se refere aos defeitos do paradigma mecanicista em economia e em política.

Podemos também falar da visão holística nas relações interpessoais, em especial no tocante aos casais e família. O desafio que a visão holística apresenta nesse terreno será o de resolver a questão referente à conjugação das necessidades mínimas de segurança, de prazer e de alegria, bem como do papel social, com o amor, a criatividade, o conhecimento intuitivo e racional e, enfim, com a necessidade de ultrapassar a dualidade.

Voltamos aqui à educação; apenas através da preparação das crianças, dos adolescentes e dos adultos para o exercício constante do amor, da compaixão, da alegria e da equanimidade, preconizados tanto pelo Buda como por Paulo, chegaremos a transformar ou a ultrapassar as energias socialmente destrutivas da Neurose do Paraíso Perdido.

A abordagem holística será tanto mais eficaz quanto maior for o apoio que receber de todas as - formas de arte. Retomaremos à época em que todas as expressões artísticas, como a pintura, a escultura, a poesia, a música ou a dança, constituíam verdadeiros auxiliares audiovisuais para despertar ou manter no espírito humano o sentido do sagrado, recordar os caminhos do transpessoal, ou mesmo traduzir-lhe ou estimular-lhe as manifestações?

Na aplicação da visão holística à vida cotidiana, certos perigos devem ser evitados. Estão assinalados no estatuto da Universidade Holística Internacional e constituíram o objeto do "Documento de Brasília", formulado em 1981.

Citemos, pois, essas recomendações de prudência, que consistem em evitar atitudes extremistas, tais como:

- O *totalitarismo*, que consiste em ver apenas o aspecto global, total ou universal das coisas, em detrimento do particular.
- O *absolutismo*, que tende a ignorar os aspectos relativos do real; em certo sentido, confunde-se com o totalitarismo..

- O *sectarismo*, o *sincretismo* e todas as formas redutoras de explicação do real ou da identidade dos seres e das culturas. Não opor, não misturar, são as duas recomendações fundamentais do Documento de Brasília.
- O *niilismo*, que resulta de uma interpretação errônea da descrição do vazio como realidade última. Do mesmo modo, as tradições, tanto quanto a física quântica, insistem no fato de que essa vacuidade não é vazia e que o vazio absoluto não existe.
- O *substancialismo*, também chamado eternalismo na tradição budista tibetana, e que consiste, ao contrário do niilismo, em crer na existência de um ou de vários elementos substanciais e eternos que constituem o mundo.

NOTAS

1. Um resumo dessa exposição foi publicado em Sources (nº 8, 1986) sob o título "Holistique: au mot nouveau pour une ère nouvelle". Esse trabalho foi apresentado no 2º Simpósio da UNHI, em Sainte Baume, em 1987 e no Symposium de Abordagem Holística na UFMG, em 1989.
2. Smuts, J. C., Holism and Evolution, Mac Millan, Nova Iorque, 1926.
3. Wilber, K., Up from Eden, Shambhala, Boulder, 1984.
4. Ver uma discussão desse ponto em Weil, P., A Neurose do Paraíso Perdido, Espaço-Tempo, Rio de Janeiro, 1987.
5. Lupasco, S., Les trois matières, Julliard, Paris, 1960.
6. Ver particularmente Weil, P., "Vers une approche holistique de la nature de la réalité", in Médecines Nouvelles et Psychologies Transpersonnelles; Question de ..., Albin Michel, Paris, 1986, e L'Homme sans frontières, L'Espace Bleu, Paris, 1988.
7. Jésus dans la tradition soufie, La Saiote Baume, Overt, 1985.
8. Guenther, EL, Matrix aí Mystery, Shambhala, Boulder, 1984.
9. Weil, P., A Nova Linguagem Holística, Espaço e Tempo, Rio de Janeiro, 1987. Em fase de edição na França.
10. Capra, F., Le temps du changement, Le Rocher, Mônaco-Paris, 1983.

CAPÍTULO II

PRÁTICA DA ABORDAGEM HOLÍSTICA NA EXISTÊNCIA

Tentativa de um modelo teórico de unificação das formas de energia (física, biológica e psicológica)

Um espaço de encontro entre arte, espiritualidade, filosofia e ciência:

Na prática do enfoque holístico, defrontamo-nos a todo o momento com questões fundamentais, cuja solução tem influência decisiva sobre a qualidade do nosso trabalho, com conseqüências que assumem quase sempre uma forma inesperada.

O que é ou não holístico?

Esta questão, por exemplo, tanto quanto sua resposta, são fundamentais para tomar decisões, organizar cursos, colóquios, seminários, escolher colaboradores e determinar uma ordem cronológica de pesquisa.

De fato, o holístico é o lugar de encontro entre tudo o que a fantasia da separatividade dividiu de maneira artificial; a observar, mais particularmente:

No plano individual, a fragmentação da psique em quatro funções descritas por C.G. Jung - a sensação, o sentimento, a razão e a intuição (simbolizadas pelas quatro partes da esfinge; ver fig. 1).

Esta divisão projeta-se no plano epistemológico, formando quatro distinções principais que estruturam o conhecimento.

No plano epistemológico o que constituía a Tradição foi dividido em quatro panes do conhecimento moderno: a arte, a religião, a ciência e a filosofia, consideradas, na tradição simbólica do Ocidente, como os quatro lados da pirâmide.

O papel principal do enfoque holístico será, então, reunir essas funções psicológicas, no plano individual, através das terapias ocidentais e orientais, assim como agrupar as quatro panes do conhecimento através da transdisciplinaridade, tal como esta 6

definida por Basarab Nicolescu e recomendada pela Declaração de Veneza da Unesco (ver fig. 2).

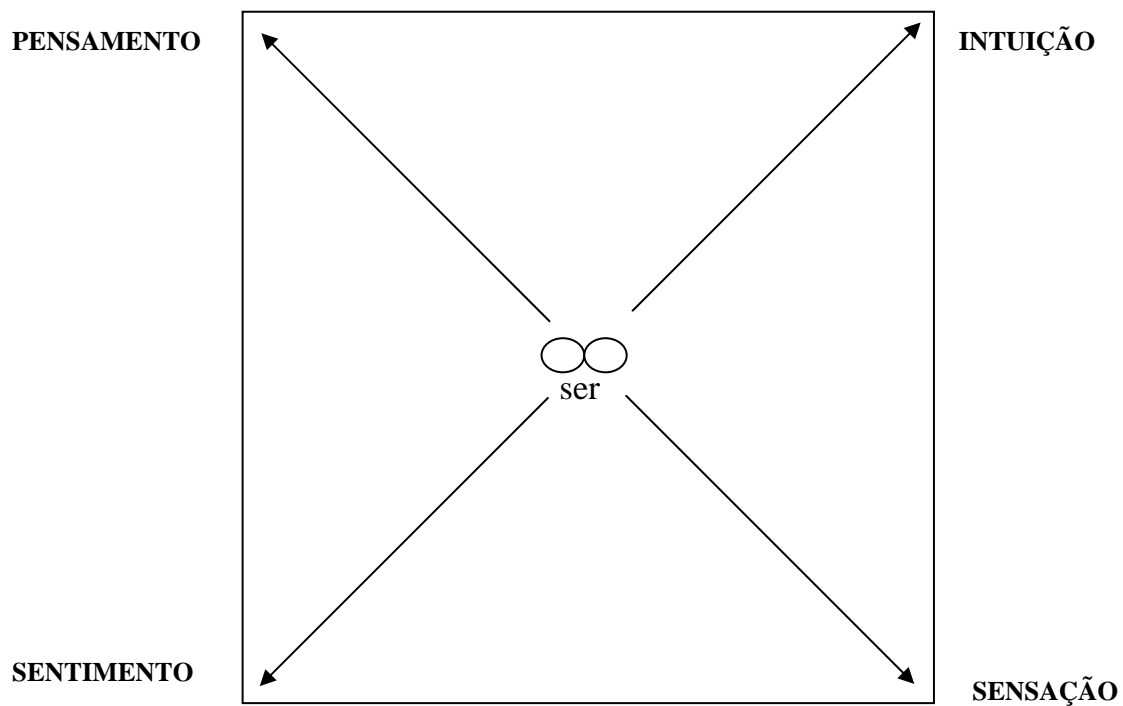
Assim, podemos considerar como abordagem holística tudo o que tende a lançar pontes entre as fronteiras criadas no espírito do homem pela sua própria mente, deformada por um excesso de desenvolvimento do racionalismo e da razão, em detrimento das três outras funções, excesso que nos levou a um reducionismo científico, o qual vem dominando progressivamente a filosofia, a arte e mesmo a religião. No que toca à transdisciplinaridade, propomos um primeiro modelo simples para inter-relacionar a arte, a religião, a ciência e a filosofia. Este modelo tem sido de muita utilidade para situar pesquisas e ensinamentos na Universidade Holística Internacional de Brasília.

QUADRO I

CONHECIMENTOS	ARTE	CIÊNCIA	ESPIRITUALIDADE	FILOSOFIA	HOLÍSTICA
ARTE	1	2	3	4	5
CIÊNCIA		6	7	8	9
ESPIRITUALIDADE			10	11	12
FILOSOFIA				13	14
HOLÍSTICA					15

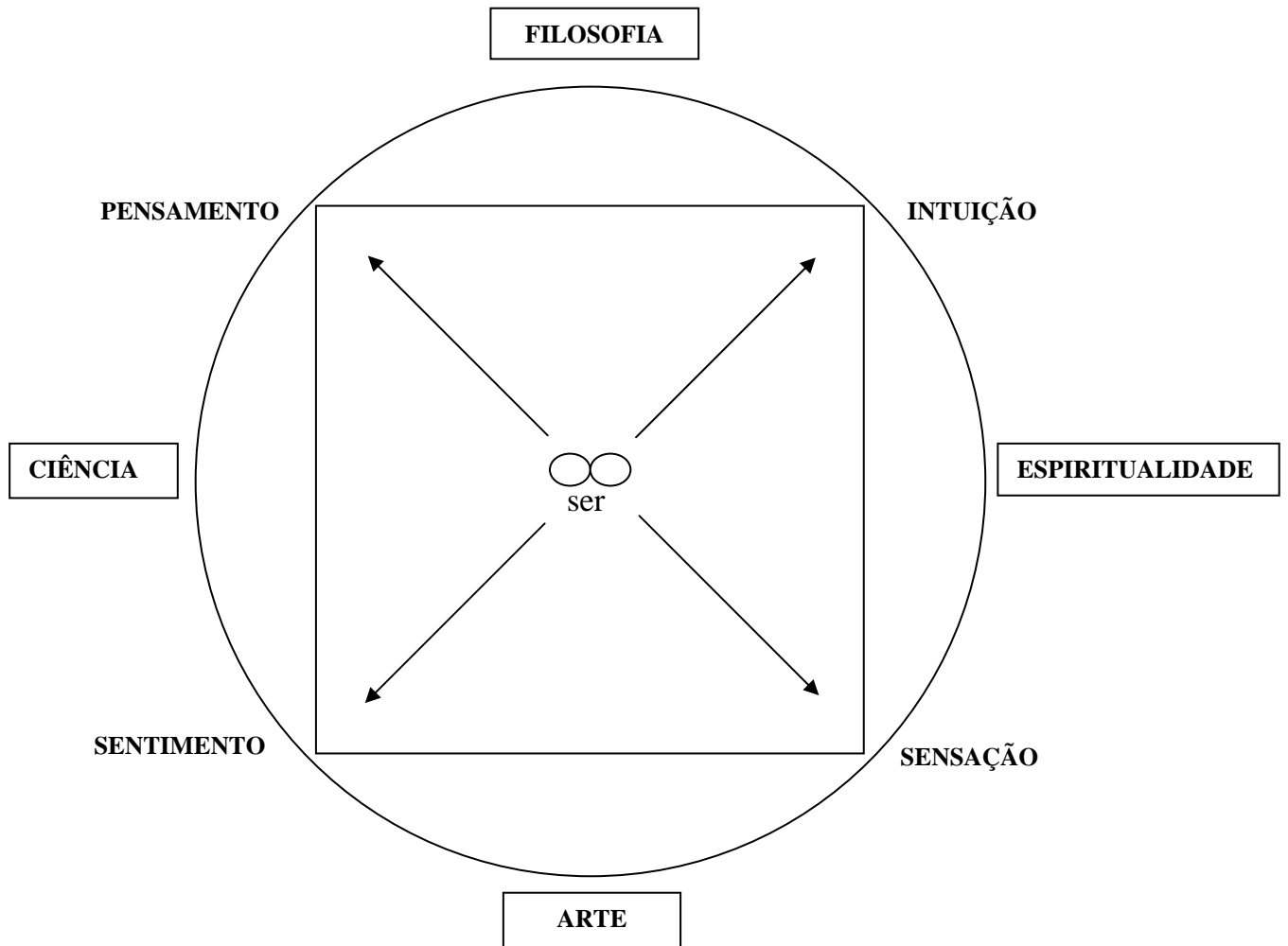
Vê-se que temos quinze possibilidades relacionais, entre as quais deveríamos dar preferências às pesquisas holísticas propriamente ditas (5, 9, 12, 14, 15) e às colocações de relações dos quatro ramos principais, entre eles (2, 3, 4, 6, 7) e (8, 10, 11, 13).

Outras relações também são importantes, como por exemplo o encontro de duas ou mais tradições, o qual (10) evidencia muitas vezes raízes ou objetivos comuns, ou ainda a reunião de dois caminhos, o da ciência com o da física quântica e o da psicologia transpessoal, ou ainda a lógica da macro e da microfísica (6).



**A FRAGMENTAÇÃO DA
PSIQUÊ**

Fig. 1



**A FRAGMENTAÇÃO DO
CONHECIMENTO**

Fig. 2

Quando lidamos com as aplicações da abordagem holística no dia-a-dia, defrontamo-nos com a questão fundamental de uma orientação geral que possa estabelecer critérios claros para a elaboração de estratégias holológicas e holopráticas.

De fato, o Real está sempre aí, ao nosso alcance, em nós mesmos. O que nos impede de vivenciá-lo são os obstáculos situados em diferentes níveis da expressão desse Real. Um dos papéis da hologia é identificar esses empecilhos e procurar métodos que os eliminem. A holopraxis consiste na aplicação de tais métodos.

Estamos efetuando, aqui, uma tentativa de inter-relacionar os diferentes níveis de expressão do Real nos quais os obstáculos se manifestam, e as áreas ou campos onde esses impedimentos são localizados e dissolvidos.

Níveis de expressão do Real

Como dissemos, o Real ou Ser se expressa na existência e na experiência através de diferentes formas de energia, indissociáveis do espaço e da inteligência.

Por razões práticas, devido às necessidades de integrar as grandes classificações da ciência, na medida em que ela se ajusta às tradições, podemos distinguir as formas de expressão do Real que conhecemos.

Níveis energéticos:

1. Físico: É a forma material de energia, sua expressão mais densa; a matéria, sólida, líquida, ígnea ou gasosa, que compõe o universo e os corpos físicos dos seres.
2. Biológico: Plano no qual a energia se revela como forma vital, como vida do universo e dos seres.
3. Psicológico: É a informática e a programação do universo e dos seres que o habitam.
4. Espiritual: Neste nível temos a energia em sua forma pura, como potencial das três formas precedentes, das quais se constitui numa transformação. Podemos supor que esta é a "Luz clara" da experiência transpessoal no homem, perguntando nos, por isso, se ela corresponde ao aspecto luminoso das partículas subatômicas.
5. Espacial: O espaço é indissociável da energia pura; "compõe" tanto os seres quanto o universo que os contém.

Áreas de localização dos obstáculos

Os entraves à realização do despertar do ser humano como Ser, isto é, o estado transpessoal e a visão holística, podem ser classificados, sob o ponto de vista empírico, de maneira evidente e necessariamente antropocêntrica, em três grandes categorias:

1. O ser humano: Como se trata de sua libertação, limitamo-nos aqui ao homem, de modo específico. Poderíamos, como fazem certas tradições, questionar sobre a libertação de outros tipos de seres. Enquanto o homem não se desprende dos obstáculos próprios de seu nível, sua tendência egocêntrica o impede de exercer uma compaixão mais ampla, extensiva a todos os seres.
É compreensível, pois, que comecemos por ele mesmo, esperando que a sabedoria, uma vez despertada, faça o resto.
2. A sociedade humana: Encontramos neste âmbito vários obstáculos, não somente no plano individual, abrangido pela área precedente, mas também no plano social e econômico. Trata-se dos obstáculos à realização ligados às instituições, à cultura, às estruturas ou aos sistemas políticos e econômicos.
3. A natureza: Sob este termo bastante genérico, agruparemos os impedimentos referentes à ecologia do meio ambiente imediato, quer se trate da Terra ou de todo o universo.

Aliás, como poderemos constatar de maneira sucinta, a seguir, tais obstáculos são consequência dos empecilhos situados no próprio homem, isto é, referem-se à primeira categoria mencionada acima.

Passaremos a inter-relacionar os níveis de expressão do Real e as áreas de localização dos impedimentos.

Estratégias de correspondência entre os níveis de energia e as áreas dos obstáculos

Graças a esta estratégia, conseguiremos (ver quadro II):

- Fazer uma lista das barreiras existentes.
- Localizar aquelas que se opõem à plena realização.
- Tornar possível o estabelecimento eventual de uma ordem de importância, tendo em vista a prioridade da ação. Por exemplo: numa comunidade onde reinem a fome e as epidemias, seria necessário cuidar tão bem do corpo como do espírito, ou até do corpo em primeiro lugar.
- Clarear a natureza do obstáculo para poder atuar melhor, pois desse conhecimento deriva o método adequado.

- Compreender melhor o sentido da realização, pois cada impedimento nos mostra onde está o Real e no que consiste, mesmo que sua definição escape a toda verbalização.

Retomaremos agora cada área de localização dos empecilhos, descrevendo-os de maneira sucessiva em cada nível energético (ver quadro II).

- Definir o tipo de obstáculo.
- Verificar quais medidas podem ser sugeridas, a partir do estudo ou da dissolução do entrave, sob o ponto de vista da
- holologia e da
- holopraxis

Começemos pelos impedimentos situados no próprio homem.

Obstáculos localizados no ser humano

No primeiro nível energético, quer dizer, no nível físico, localizamos no corpo humano, em seu sistema anatômico, algumas condições que podem impedir, total ou parcialmente, que um ser humano se consagre ao despertar.

Um sistema alimentar defeituoso, em particular o excesso ou, ao contrário, uma carência total de alimento, levando à fome e à inanição, constituem, é evidente, fatores desfavoráveis.

Lembremos também as posturas físicas: se erradas, geram tensões musculares; aliás, a dor, que é, em geral, consequência de doenças, é um dos maiores empecilhos.

Sob o ponto de vista da holologia, o estímulo às pesquisas dos sistemas alimentares mais favoráveis ao despertar seria bastante conveniente. Podemos também citar as pesquisas da medicina holística no campo da preservação da saúde.

No plano da holopraxis, além de um sistema de alimentação natural, podemos lembrar, entre outras, a hatha-ioga, a prática do aikidô ou do tai-chi-chuan para manter a harmonia geradora da saúde.

Quanto às enfermidades, a abordagem holística consiste no encontro entre as medicinas alternativas e a medicina ocidental clássica, tomada em seus aspectos positivos e não iatrogênicos.

No nível biológico da vida humana, isto é, no sistema fisiológico, os empecilhos são, em certa medida, idênticos aos assinalados no nível físico.

Poderíamos incluir entre eles a respiração inadequada. Perguntemo-nos também até que ponto a separação da natureza, no caso dos habitantes das metrópoles, constitui-se num dos fatores de distanciamento da realidade da vida.

No plano da holologia e da holopraxis, as medidas a serem tomadas são idênticas às precedentes, insistindo-se a respeito dos métodos respiratórios e do retorno à natureza, dando-os como atributos favoráveis ao despertar.

No nível da forma psíquica da energia, isto é, do sistema mental, aproximamo-nos dos fatores causais essenciais.

Citemos primeiro a fantasia da separatividade que, já demonstramos amplamente, desencadeia emoções destrutivas, leva ao stress, à neurose e à doença física e mental.

Do ponto de vista da holologia e da holopraxis, podemos inserir aqui toda a literatura e psicoterapia contemporâneas, assim como os textos da sabedoria oriental e ocidental. Este é um dos aspectos mais importantes da abordagem holística, na qual se dá o encontro entre a psicologia científica e a psicoterapia, com os métodos da sabedoria oriental. Cada um deles tem uma razão de ser e um papel, no processo de sustação do círculo vicioso da repetição compulsiva, característica da neurose do paraíso perdido. É preciso, porém, evitar o que o lama Dênis denominou de *coquetel espiritual*, isto é, uma mistura inconseqüente de diferentes métodos ou escolas, orientais e ocidentais.

No plano da energia pura – esta é, segundo as tradições, o espírito, a “Luz clara”, tal como se apresenta na experiência transpessoal. Podemos citar como obstáculo essencial neste plano a falta de conhecimento da unidade da energia (material, vital e mental) e o apego às suas três formas, vistas como energias do corpo, da vida e dos pensamentos, seja no estado de vigília seja no estado onírico.

No plano da holologia, as convergências que observamos atualmente entre físicos, biólogos e psicólogos são um indício que favorece um conceito unitário da energia.

Quanto à prática, a ioga, o tai-chi-chuan, o aikidô, o Vajrayana, favorecem um enfoque vivencial da questão.

Tudo o que acaba de ser dito aplica-se também ao espaço, que é indissociável da energia.

Na experiência transpessoal, dissolve-se a fantasia da separatividade, responsável pela fragmentação, no espírito humano, do espaço interior e exterior; permanece apenas o espaço aberto ao infinito.

No plano da holopraxis situa-se o ponto de transcendência das dialéticas e práticas abordadas acima, sendo todas elas, talvez, menos eficazes do que a “não-ação” de Krishnamurti.

Examinemos agora a questão dos impedimentos relativos à sociedade.

Obstáculos na sociedade humana

Os empecilhos físicos e materiais estão relacionados à Terra e ao meio ambiente.

A Terra está dividida em países ocupados por nações e culturas diversas. A conquista desses países dá-se, em geral, pela força. Seu território interior também é fragmentado, para permitir a construção de abrigos, casas e diferentes instituições. Daí provêm a desigualdade econômica fundada no desejo de posse, a opressão e a dominação imposta pelas armas.

O enfoque holístico deste âmbito consistirá em encorajar pesquisas e experiências comunitárias, assim como o estudo de culturas não (ou menos) possessivas.

Mas é no nível da vida social, isto é, dos sistemas sócio-econômicos e políticos, que encontramos os grandes entraves da violência, das guerras, da competição sem controle e das lutas fratricidas pela sobrevivência. Há, a respeito, inúmeros estudos, pesquisas e experiências, no Oriente e no Ocidente. Outrossim, pesquisas transculturais iluminarão os aspectos essenciais da questão. Entre estes, o de saber qual nível de confronto permite ao homem alimentar-se, ter um abrigo e dividir com alegria a vida e o amor com seus semelhantes e os outros seres, sem necessitar invadir seu vizinho e destruir de maneira progressiva a existência no planeta Terra.

As experiências de comunidades auto-subsistentes do movimento da Nova Era merecem ser estudadas com maior profundidade. Desde o *kibutz* de Israel ao “Salão do Encontro” brasileiro.

No entanto, não pode ser esquecida a Declaração da Unesco, que diz tão bem que “os conflitos e as guerras nascem no espírito do homem e que é no espírito do homem que devem ser construídos os baluartes da paz”.

E, portanto, no nível psicológico da energia que temos que agir; no caso da sociedade humana é preciso pensar em termos psico-sociológicos. É aqui que se enquadram os numerosos estudos sobre os conceitos, os sistemas de valor, os estereótipos culturais e mesmo o comportamento sócio-político.

Os obstáculos situam-se no nível do que Abraham Maslow chama de valores “D”, ou que Stanislav Grof nomeia de “valores hilotrópicos”, isto é, referentes ao apego às coisas materiais.

O individualismo, o egoísmo em sua forma velada, o reducionismo tecnológico, que resultam na crise da fragmentação epistemológica, na violência e nas guerras, são a um só tempo entraves enormes e sinais de alarme que apontam para a urgência de uma mudança radical.

Segundo a holologia, estão em curso pesquisas de extrema importância, como as de Maslow sobre os valores do Ser (*Being values*), que constituem, sem dúvida, a motivação mais forte, o metamotivo do comportamento espiritual da humanidade: o amor, a sabedoria, a plenitude, a verdade, a liberdade, a igualdade, a justiça, entre outros.

Insistimos também na importância dos estudos epistemológicos relativos à mudança do paradigma e a uma revolução científica em direção a um novo paradigma holístico, e em como esta mudança paradigmática se manifesta e cobre as ciências sociais, políticas e econômicas.

Quanto ao aspecto da holopráxis, lembramos o empenho da ONU e os esforços em prol de um governo mundial, a multiplicação de equipes interdisciplinares e o evento de uma transdisciplinaridade, os movimentos pacifistas e de não-violência, a começar pelo Mahatma Gandhi.

Vejamos agora como se apresenta a questão social no nível da energia pura.

Neste plano podemos tomar a sociedade como integrante de um único campo energético, no qual os seres humanos, sem exceção, estão interligados, constituindo um grupo espiritual com todos os outros seres do universo.

É neste estágio que podemos falar dos campos informacionais, do inconsciente coletivo, ou, no caso de sociedades mais fechadas, de uma egrégora.

O obstáculo essencial continua sendo a fantasia da separatividade, sob a forma de consenso social. A maioria esmagadora dos nossos contemporâneos está convencida da existência de um eu sólido e substancial e de que há objetos exteriores igualmente sólidos. Uma relação sujeito-objeto, estabelecida na infância ou mesmo antes, reforça essa crença em cada indivíduo.

No plano biológico temos que rever, a exemplo de Lupasco, toda a nossa lógica formal; serão necessários estudos que situem as diferentes dialéticas em relação aos dados da ciência moderna, em especial aos da física quântica e da psicologia transpessoal. A sistemologia de Lupasco é, sem dúvida, um bom ponto de partida teórico a esse respeito.

No plano da holopraxis vimos muito bem a possibilidade de desenvolvimento de uma nova cultura holística, que implicaria um novo consenso holotrópico, segundo a expressão de Stanislav Grof. Podemos dizer o mesmo quanto ao nível do espaço.

Além do conceito holotrópico já mencionado, a linguagem é o maior empecilho para a visão holística do Real como pura vacuidade ou como “o aberto”. Com efeito, todo conceito é limitativo.

O que podemos fazer é desenvolver a abordagem holística nos domínios da literatura, da ciência, da filosofia, e mais particularmente na arte, cujo caráter não verbal facilita a expressão do espaço puro. Também nessa área o desenvolvimento de uma cultura holotrópica facilitará a holopraxis individual.

Obstáculos na natureza

Hoje tornou-se lugar comum comentar os danos causados pelo ser humano ao seu meio ambiente; essa danificação é consequência da fantasia da separatividade e da neurose do paraíso perdido. O que menos percebemos, porém, é que, destruindo a natureza, o homem acumula mais obstáculos à sua própria realização como ser.

No plano físico da energia, isto é, da matéria, suas indústrias poluíram o ar, a água e mesmo a terra, o que constitui uma ameaça progressiva à saúde e à própria sobrevivência.

As pesquisas de tecnologias alternativas e sua aplicação constituem a resposta adequada para esta situação alarmante.

No nível da energia vital, isto é, dos ecossistemas, assistimos à destruição progressiva da biosfera, dos sistemas ecológicos e ao desaparecimento de milhares de espécies animais. Também neste âmbito está ameaçada a sobrevivência da espécie humana. As tecnologias alternativas são o enfoque holístico indicado.

No nível informático da energia o homem está interferindo diretamente nas programações morfogenéticas, biogenéticas, ontogenéticas e até na cosmogenética nuclear. E evidente que o enfoque holístico introduzirá nestas questões as correções indispensáveis, se ainda tivermos tempo...

O mesmo acontece no nível da energia pura e no espaço; aqui o homem ataca diretamente as partículas subatômicas, as quais, como sabemos, são também ondas luminosas. A poluição nuclear ameaça, muito mais do que a destruição ecológica, a existência de todos os seres vivos do planeta.

Mais do que nunca, a Declaração de Veneza da Unesco constitui um último apelo à humanidade, para que esta reconheça que a ciência já chegou aos confins onde é necessário que encontremos o que chamamos de abordagem holística.

Para concluir, poderíamos dizer que esta ligação de uma teoria unificada das diferentes formas de energia (física, biológica e psicológica) com os grandes níveis dos problemas referentes ao homem, à sociedade e à natureza, permite-nos identificar e classificar os principais empecilhos conhecidos, que impedem, de forma relativamente intensa, o acesso à visão holística do Real.

Partimos de uma hipótese que pode ser considerada plausível: a da unidade da energia, seja qual for a sua forma – material, vital ou mental.

Embora tenhamos conservado as divisões clássicas da física, da biologia e da psicologia, esse conceito unificador leva-nos a salientar que a abordagem holística do Real, tal como é apresentada aqui, permite-nos apontar os fundamentos para:

- Uma transformação individual, graças à identificação e à dissolução dos obstáculos no plano humano.
- Fornecer um apoio para a transformação cultural no plano da sociedade, a partir de uma harmonia entre o homem e todos os outros seres.
- O retomo a uma relação harmoniosa com a natureza e o universo em geral.

Esta análise, se bem que bastante genérica, coloca em evidência a predominância dos impedimentos situados no espírito do homem; a fantasia da separatividade e a neurose do paraíso perdido são, de fato, a causa de todos os nossos entraves. Constatamos também que não basta tratar a questão como se fazia no passado, isto é, com o intuito de dissolver apenas os obstáculos localizados no espírito humano.

É indispensável, através de uma ação social, econômica e política, apagar o incêndio que ateamos e que arrisca consumir toda a vida do planeta. Trata-se, afinal, antes de tudo, de preservar a vida na Terra.

QUADRO II

OBSTÁCULOS À VISÃO HOLÍSTICA NO HOMEM

NÍVEL ENERGÉTICO					
	FÍSICO	BIOLÓGICO	PSICOLÓGICO	ENERGIA PURA	ESPAÇO
ÁREA	Corpo (sistema anatômico)	Vida (sistema fisiológico)	Mente (sistema mental)	Luz (experiência transpessoal)	Vacuidade (experiência)
TIPO DE OBSTÁCULO	Alimentação inadequada. Fome Posturas nocivas	Respiração. Alimentação. Posturas inadequadas Separação da natureza. Inaceitação da mudança. Emoções destrutivas. <i>Stress</i> Tensões musculares. Doenças	Fantasia da separatividade. Tensões e conflitos intrapsíquicos Neurose e psicose	Desconhecimento da unidade da energia (física, biológica e psicológica)	Conceito de espaço tempo. Separatividade— do espaço interior, do espaço exterior e do espaço-energia
MÉTODOS DE REMOÇÃO 1. HOLOLOGIA	Pesquisa sobre nutricionismo. Pesquisas comparativas de tecnologias de intervenção física	Pesquisas nutricionais Pesquisas comparativas dos métodos de relaxamento respiração massagens. Pesquisas sobre o homem são	Ciências humanísticas Tratados de sabedoria oriental e ocidental Enfoque holístico na informática e na psicologia	Encontro complementar entre física quântica e psicologia transpessoal. Tradições	Krishnamurti. Superação das dialéticas
HOLOPRÁXIS	Alimentação Natural Fitoterapia Fisioterapia. Massagens. Há-tha-ioga	Relaxamento. Respiração correta. Reintegração na natureza. Enfoque holístico na medicina. Dança. Educação Física, Hatha-ioga	Desapego. Psicoterapias. Equilíbrio (sensação. sentimento razão, intuição)	Ioga Tai-chi-chuan Aikidô Tantrismo Cosmodrama Bioenergética Psicossíntese Kun-Nye	Meditação zen Vajrayana Despertar da lucidez Cosmodrama Descondicionamento conceitual

QUADRO II (continuação)
OBSTÁCULOS À VISÃO HOLÍSTICA NA SOCIEDADE

NÍVEL ENERGÉTICO					
	FÍSICO	BIOLÓGICO	PSICOLÓGICO	ENERGIA PURA	ESPAÇO
ÁREA	Terra como habitat. Sede das instituições	“Sistemas” de vida sócio-políticos. Formas de vida social, Organismos	Cultura, consenso estereótipos, valores, comportamento sócio-político. Arquétipos	Egrégora Campo informacional Inconsciente coletivo	Espaço social Consensos hilotrópicos. Conceitos Linguagem
TIPO DE OBSTÁCULO	Desigualdade econômica. Dominação pela força, opressão, repressão	Competição descontrolada. Lutas fratricidas pela sobrevivência	Crise da fragmentação Individualismo. Guerras. Violência. Valores hilotrópicos. Reduccionismo	Fantasia da separatividade em consensos	Enfoque holístico na arte, literatura, ciência filosofia
MÉTODOS DE REMOÇÃO1. HOLOGIA	Estudos comparativos dos sistemas econômicos justos, equitativos - e holísticos	Estudos comparativos entre sistemas de vida sócio-política, Oriente/Ocidente	Valores holotrópicos. Paradigma holístico. Abordagem holística nas ciências sociais, na História e na política.	Estudo das dialéticas. Sistemologia de Lupasco	Cultura holística com consenso holotrópico
2. HOLOPRÁXIS	Sistema econômico justo, equitativo e holístico	Sistema de vida harmoniosa Educação comunitária. Comunidades com prática de vida sadia. Salão do Encontro	Confederação de nações. Inter e transdisciplinaridade. Na educação: cultura da sabedoria e amor. Salão do Encontro. Movimentos políticos não-violência.	Cultura holística	Vacuidade

QUADRO II (continuação)

OBSTÁCULOS À VISÃO HOLÍSTICA NA NATUREZA

NÍVEL ENERGÉTICO					
	FÍSICO	BIOLÓGICO	PSICOLÓGICO	ENERGIA PURA	ESPAÇO
ÁREA	Matéria(sistema atômico)	Vida (Ecossistemas biológicos).	Informação. Programas morfogenéticos, biogenéticos, filogenéticos, palingenéticos, cosmogenéticos.	Luz (partículas subatômicas)	Vacuidade
TIPO DE OBSTÁCULO	Poluição do ar, da água do solo (agrotóxicos Degradação). Depredação.	Destruição da biosfera Desequilíbrio ecológico e destruição dos ecossistemas, Matança de animais.	Intervenções na programação genética e nuclear.	Destruição e poluição nuclear	
MÉTODOS DE REMOÇÃO 1. HOLOGIA	Enfoque holístico nas ciências e tecnologias físicas.	Enfoque holístico nas ciências biológicas.	Enfoque holístico na informática biológica, etc.	Encontro entre ciência e tradições. Transdisciplinaridade. Teilhard de Chardin	Transdisciplinaridade Krishnamurt Milarepa
2. HOLOPRÁXIS	Tecnologias alternativas da intervenção física Tratamento e proteção do ar, água e solo(adubação orgânica). Amor ao Universo.	Tecnologias alternativas biológicas. Hortas urbanas e rurais Reconstituição e proteção da flora e fauna.	Amor à natureza Respeito à sabedoria da natureza.	Desnuclearização	Zen Vajrayana Krishnamurti

O quadro que acabamos de apresentar serve como orientação geral. Em linha horizontal colocamos as diferentes formas de energia conhecidas: física, biológica e psicológica, assim como sua forma “pura”, luminosa, e o espaço do qual é inseparável e que tudo compõe.

O plano vertical se subdivide nos três grandes aspectos em que os obstáculos à plena consciência se manifestam para o homem (e, por conseguinte e forçosamente, através de uma visão antropocêntrica), a saber: o nível da sociedade e o nível da natureza.

Para cada um dos níveis, procuramos definir a área em que se manifestam os empecilhos, de que tipos são e os métodos teóricos (holologia) e práticos (holopraxis) que permitem a sua remoção.

PARTE II

POR TRÁS DO EGO

CAPÍTULO 1

POR TRÁS DAS MÁSCARAS

O ego visto à luz da ciência e da tradição

A pergunta essencial que se pode fazer à psicologia refere-se a saber quem é a pessoa, ou melhor, quem ou o que se esconde por trás daquilo a que chamamos personalidade, a qual constitui justamente seu objeto de estudo.

A máscara é o símbolo por excelência da personalidade; com efeito, sabemos que *per-sona*, em latim, vem do vocabulário teatral e significa a máscara pela qual passa o som da voz do ator. Saber o que ela esconde consiste, portanto, em descobrir o eventual ator que fala por trás dela.

Nossa pergunta é, pois: o que resta, se retirarmos a máscara?

Passaremos a examinar, de maneira bastante sucinta, as respostas dadas pelas principais correntes da psicologia ocidental contemporânea e pelas tradições.

Veremos como explicam a estrutura da pessoa ou do eu, o que dá no mesmo, abordando suas respostas explícitas ou implícitas. Isso permitirá que encontremos eventualmente as principais diferenças, bem como os pontos comuns, entre essas explicações da natureza do eu.

I. As principais teorias ocidentais

O grande ideal dos pesquisadores ocidentais sempre foi encontrar um centro do eu no cérebro. As pesquisas com esse objetivo inscrevem-se no que se convencionou chamar de corrente *biofísica*. Os partidários da teoria das localizações cerebrais há muito tentaram encontrar um lugar de onde partiria a vida da personalidade. *Grosso modo*, foram pesquisas fadadas ao fracasso, embora ressalvemos o fato de terem encontrado a localização da memória, da visão, do olfato, do tato e até da linguagem.

A pesquisa das bases orgânicas da personalidade já é bem antiga. Começa pelas correspondências morfopsicológicas, isto é, da estrutura do corpo com o caráter e o temperamento. Da teoria dos humores de Hipócrates aos temperamentos e tipos morfológicos de Kretschmer, constata-se uma tendência constante de dividir a personalidade em várias categorias ou partes. De acordo com um estudo que fizemos, predominam os sistemas ternários.¹

O sistema mais recente é o de Sheldon e Steavens, o qual, partindo da embriologia, descreve três grandes tipos humanos. Esses biótipos são os seguintes: ectomorfo (longilíneo, com predominância do sistema nervoso), mesomorfo (predominância do sistema osteomuscular) e endomorfo (predominância do sistema digestivo).

A cada um desses biótipos correspondem diferentes traços de personalidade.

O ectomorfo é cerebrotônico, isto é, introvertido, hipersensível, reservado, desconfiado, nervoso.

O mesomorfo é somatotônico, isto é, ativo, independente, autoritário, agressivo, competitivo, empreendedor.

O endomorfo é viscerotônico, isto é, extrovertido, sociável, afetuoso, de reações lentas.

Sheldon e Steavens distinguem ainda, baseados em suas pesquisas, traços constitucionais, ou de temperamento, e traços adquiridos, ou de caráter. Cada um de nós pode ser uma combinação desses fatores, numa graduação pessoal de 1 a 7.

De acordo com todas essas biotipologias, o fator hereditário desempenha um papel predominante; subjacente à personalidade, o fator biofísico como que deixa implícita uma predestinação, um plano, um programa, um potencial, uma intenção, que se traduzem como um temperamento que a cultura só pode modificar até certo ponto, sob a forma de caráter. Toda discrepância exagerada leva a estados de desequilíbrio ou de psicopatologia.

Na neurologia já se fala da existência de um hemisfério cerebral direito, responsável pela parte intuitiva e criadora, e de um hemisfério esquerdo, que centraliza nosso aspecto analítico e racional, ficando o corpo caloso como coordenador dos dois hemisférios. Também é conhecido o papel dos núcleos subcorticais no que se refere à vida afetiva e às nossas emoções. Mas ninguém localizou, até o momento, o centro do eu, da personalidade ou da consciência.

Sabe-se que a recepção e a transmissão das informações efetuam-se pelo fluxo nervoso; se a sua natureza bioelétrica é hoje conhecida, a natureza e a fonte das ordens nos escapam por completo.

Mais recentemente, Karl Pribram, diante do fato de que certas regiões cerebrais mostram-se capazes de assumir a atividade localizada em outras regiões, sem nenhuma aprendizagem, formulou a teoria holográfica do cérebro. Este se comportaria como um vasto holograma, o que significa que em cada uma de suas partes se encontraria o programa de todo o conjunto. Os programas da personalidade estariam localizados nos campos energéticos situados entre as cronaxias.

Freud, no início de suas pesquisas sobre o ego, também procurou situá-lo no sistema nervoso, dando-se conta, pouco a pouco, de que seus esforços não o conduziram muito longe. Isso o levou à criação de uma teoria metapsicológica segundo a qual existiria um aparelho psíquico formado pelo id – lugar das pulsões instintivas – e pelo superego, reunindo-se neste último as forças parentais da cultura, que procura domesticar as forças da natureza do id. O ego seria a capacidade administrativa, mediadora desses dois pólos. Uma só força ou energia, a libido, estaria na raiz do funcionamento desse aparelho psíquico; partindo do id, ela emitiria a força que permite a existência dos dois outros. Trata-se de uma dialética entre a busca do prazer (Ecos) e da vida, e a fuga à dor e à morte (Thânatos).

Eis-nos, portanto, numa outra corrente, a *corrente intrapsíquica* das teorias da personalidade.

Os trabalhos de Freud mostram que esse ego por ele procurado é, na verdade, formado inteiramente pela introjeção ou internalização de sistemas de valores e de modos de comportamento próprios de consenso psicossocial dominante; parece ser, de fato,

totalmente fabricado. Apenas a libido e certos mecanismos filo-genéticos do id seriam hereditários.

Depois de Freud, dois dissidentes, embora tendo elaborado teorias diferentes, concordaram num ponto essencial: reconheceram que por trás desse ego hipotético existe uma energia, o que era também o ponto de vista de Freud, divergindo dele quanto ao caráter individual da libido, por diferentes razões. Jung, um desses dissidentes, diz que a libido - termo que mantém - não pode ser confinada a um conceito puramente sexual; trata-se de uma energia bem mais vasta, proveniente de um inconsciente coletivo que manifesta ou atualiza seu potencial arquetípico na forma de símbolos transculturais e, em consequência, não introjetados. Para ele, a regressão não se detém na mãe, mas na Grande Mãe, que é a natureza. Um processo de individuação (que é a volta à indivisibilidade) permite esse retorno à nossa verdadeira natureza;

Por outro lado, Wilhelm Reich, embora conserve o conceito sexual de energia, também a amplia como Jung, atribuindo-lhe uma natureza cósmica de ritmo orgásmico: o orgone, de cor azul, seria a energia universal, que circula inclusive no corpo humano. Sua circulação normal é travada pelos nós tensionais dos músculos, que caracterizam seis espécies de couraças musculares; desfazê-los permite que liberemos o orgone neles potencializado, tornando-o disponível para atividades socialmente úteis. Digamos de passagem que Marcuse acentuou o caráter alienante do sistema capitalista, que põe a energia humana a serviço do princípio do rendimento.

Ao criar a Análise Transacional, Eric Berne nos dá uma forma mais sistemática, poder-se-ia até dizer sistêmica, do aparelho psíquico freudiano. Seu sucesso em todos os meios contribui, ao mesmo tempo, para reforçar junto ao grande público e até nos meios científicos, o caráter fragmentário porém interdependente do eu (ego).

Para Berne, existem três partes que formam o eu ou a pessoa: o Pai (P), conjunto de forças que dita, aconselha e faz julgamentos morais em cada situação da vida corrente. A criança (C), que simboliza o sentimento, a emoção, a alegria e a tristeza, os instintos, a fruição da vida, o direito de brincar e de se divertir. O Adulto (A), que analisa e decide, em cada caso, o que é necessário pensar ou fazer; em caso de conflito entre P e C, ele é uma espécie de árbitro lúcido e consciente.

As relações interpessoais e a harmonia de cada um são constantemente dominadas pela interação desses três fatores.

No que se refere ao nosso tema, o próprio Eric Berne reconhece a existência de uma energia fundamenta] que é investida, em cada um desses estados do eu ou do ego, sob a forma de catexis, em grego, kathesis.

Ele avalia seu sistema como naturalista e fenomenológico. Naturalista, porque retoma a fundamentos neurológicos: como se sabe, as experiências de Penfield mostram ser possível, por excitação cerebral direta, fazer os pacientes reviverem estados emotivos do passado ao mesmo tempo que vivem os do presente. Assim, os estados de ego da infância podem coexistir com o estado adulto. Isso levou Eric Berne, baseado nas observações fenomenológicas, a distinguir três órgãos psíquicos:

- A *exteropsique*, que se manifesta, de maneira fenomenológica, como o estado de ego exteropsíquico do Pai.

- A *neopsique*, que se ocupa do processamento dos dados e corresponde ao estado neopsíquico do Adulto.
- A *arqueopsique*, que se manifesta como o estado de ego arqueopsíquico (por exemplo, regressivo) da Criança.

A energia distribui-se em três estados de energia psíquica ou catexes: ligada (latente), não ligada (disponível) e livre (voluntária), a exemplo da energia psíquica potencial, cinética e muscular.

Notemos um detalhe importante, mas pouco explorado pelo autor: ele situa na Criança uma sabedoria intuitiva que chama de “Pequeno Professor”, o qual representa o aspecto criativo da pessoa e seria uma espécie de Adulto da Criança, isto é, da arqueopsique.

Se examinarmos agora unia outra corrente, a *behaviorista* ou *comportamentalista*, que enfatiza a possibilidade de estudar “objetivamente” a pessoa humana por intermédio de seus aspectos e manifestações exteriores, sem se preocupar com o que se passa na “caixa preta”, poderemos também encontrar indícios de uma pesquisa explicativa daquilo que está por trás do comportamento observado de fora.

Vejamos por exemplo Burrhus Frederic Skinner, que integra a linhagem mais avançada do behaviorismo reflexológico americano. Segundo Pavlov, ele mostra que todo o comportamento humano pode ser dividido em duas grandes categorias: o comportamento reflexo e hereditário e o comportamento operante; este seria modelado por aquilo que ele denomina de “agentes sociais”, como a família, a escola e a organização do trabalho, por meio de um sistema de reforço ou recompensa da atuação desejada ou esperada.

Por trás dos mecanismos complexos desse condicionamento operante ou até do condicionamento reflexo, Skinner reconhece a existência de um *fator S*, o fator de sobrevivência. Esse princípio subjacente constituiria a causa última de todo o comportamento.

É também de um fator S que nos fala outro autor, que poderíamos situar numa *corrente sócio-cultural*, criador do psicodrama e da sociometria: Jacob Lévy Moreno. E esse fator S, de espontaneidade, que Moreno deseja desbloquear no ser humano. Significa a capacidade de tomar com rapidez a decisão justa no momento exato, tratando-se, portanto, de uma espécie de sabedoria em ação.

Diz ele que esse fator é bloqueado por aquilo que denomina de “conservas culturais”, que são os consensos vinculados com os diferentes papéis psicossomáticos, como os relativos à alimentação ou ao sono, os papéis psicodramáticos, ligados às emoções, e os papéis sociodramáticos, como os do vendedor, do chefe de Estado ou do cientista. Desbloquear a espontaneidade consiste em despertar a divindade no homem, no qual ela está oculta e reprimida. Moreno foi tomado por paranóico, nos meios científicos, porque dizia ser Deus. Jesus foi crucificado pela mesma razão, embora o que Ele tenha querido dizer é que todos temos esse “Reino do Pai”, essa consciência cósmica, em nós mesmos. Moreno insiste, além disso, num quarto papel humano, o papel cósmico; diz que o homem não é somente um ser somático, como queriam os organicistas, ou um ser psicológico, como propunha Freud, ou socio-econômico, como descrevia Marx, e sim, antes de tudo, um ser cósmico.

Em suas pesquisas sociométricas, Moreno conseguiu isolar matematicamente um fator responsável pela atração e pela simpatia entre as pessoas; chama esse fator de “tele”, assimilando-o ao domínio da telepatia e do esoterismo e opondo-o à transferência freudiana, que constitui a patologia do tele. Assim, a espontaneidade – o fator S – bloqueada pelas conservas culturais, efetuar-se-ia, no plano interpessoal, sob a forma de uma relação espontânea – a tele – bloqueada pelo fator cultural da transferência.

Além disso, Moreno integra a corrente fenomenológica e existencial, porque nos faz viver, no aqui e no agora, o encontro existencial com aquilo que é o Ser de Heidegger, que é a essência do encontro entre Tu e Eu, de Martin Buber.

A des-coberta do Ser velado pela existência aparentemente pluralista dos seres constitui o leitmotiv da abordagem existencial.

A *corrente transpessoal* é encontrada em germe já nos trabalhos de Jung, que é, também, o autor do termo. A idéia essencial é de que aquilo a que denominamos eu não é um fator isolado do chamado mundo exterior, mas que esse *self* (ego), como denomina Jung, está ligado a um Si-Mesmo universal ou faz parte dele.

Foram os trabalhos de Abraham Maslow que abriram uma brecha definitiva, porque experimental, no conceito de um eu independente e isolado de seu contexto. Graças às pesquisas que fez entre seus alunos, ele demonstrou que a maioria dos seres humanos passa por aquilo que denominou de “experiências culminantes” (*peak-experiences*), por vezes traduzidas como “experiências paroxísticas”. Os participantes dessas experiências, que se manifestam de modo súbito, contam que se sentiram unidos a todo o universo, que eram o cosmos inteiro, tendo sido tomados por um estado de alegria e de paz indescritível, saindo do espaço-tempo e perdendo o medo da morte, já que seu eu, por ter um caráter apenas ilusório, não podia morrer, sendo parte do cosmos, e assim por diante.

Dá-se uma mudança no sistema de valores, como conseqüência dessa experiência. Enquanto antes predominava aquilo que Maslow denomina de *valores D*, ligados ao desejo, desenvolvem-se agora os *valores B* (de Being), ligados ao Ser, tais como a verdade, a beleza, o amor, a integridade, a plenitude, etc. Eles constituem os metamotivos, atualmente reprimidos em nossa sociedade. Maslow afirma sem rodeios que os metamotivos representam necessidades fundamentais do homem, tão importantes e essenciais como as vitaminas; sua carência é causa de patologia.

Bem antes de Maslow, William James, nos EUA., e Richard Maurice Bucke, no Canadá, colocaram em relevo a existência, no ser humano e no universo, de uma consciência comum a ambos, a consciência cósmica. Sob certas condições, esta é despertada no homem, que então se dá conta do caráter relativo e conceitual de “sua” personalidade.

As bases de uma psicologia transpessoal estão firmadas.

Conhecemos-lhe o desenvolvimento posterior e a sua história, que resumimos como introdução ao Primeiro Congresso Francês Sobre o Transpessoal.

Surgem, de todos os lados, reflexões sobre as fronteiras do eu e da pessoa. Os autores ligados a este movimento nos apresentam novos modelos, cujas linhas essenciais vamos expor rapidamente.

Em sua psicossíntese, Roberto Assagioli propõe um modelo em grande parte inspirado em Jung, Um “Eu superior” ilumina o inconsciente coletivo, que circunda todas as outras instâncias psíquicas.

Stanislav Grof, trabalhando experimentalmente com a regressão, confirma a opinião junguiana segundo a qual a regressão não se detém na mãe. Ele descreve, em mais de uma lembrança pré-natal, revivências intra-uterinas, pré-uterinas, ancestrais, filogenéticas, reencarnacionistas, animais, vegetais, celulares, moleculares e minerais, atômicas, subatômicas e da vacuidade.

Kenneth Ring, inspirando-se em Grof, apresenta, em seus próprios trabalhos, um modelo circular – de círculos concêntricos – que permite situar a normalidade, a neurose e a psicose.

Charles Tart inspira-se na teoria geral dos sistemas, propondo-nos um modelo sistêmico e cibernético do funcionamento do pessoal e do transpessoal.

Partindo de uma ótica cíclica de evolução-involução, Ken Wilber nos mostra as fases pelas quais passam a humanidade e o indivíduo. Insiste no fato de que a formação do ego, não obstante seu caráter ilusório, é necessário para passar de um estado arcaico para um estado nirvânico. Para ele, a cultura e seus objetos são produto de um mecanismo de defesa do eu, mecanismo este que denomina “Projeto Atman”. Diz que o ego necessita de objetos exteriores para assegurar-se da própria existência e lutar contra a angústia e o medo de descobrir a verdade a respeito de seu caráter efêmero e, portanto, ilusório.

QUADRO SINÓTICO

ESCOLA E IOU AUTOR	A MASCARA	POR TRÁS OAIQt4SCARA
Biotipologia de Sheldon e Steavens	Caráter cerebrotônico somatotônico e viscerotônico	Biótipo e temperamento
Localizações cerebrais	Engramas Intelectuais, Mnésicos, emocionais	Sistema cerebrospectral
Teoria holográfica (Karl Pribram)	Programas	O holograma cerebral é parte do holograma universal
Psicanálise (Freud)	Ego, superego e id	Libido, Eros e Thanatos
Reich	Anéis de couraça caracterial	O orgone como energia do universo
Jung	Si-mesmo, inconsciente individual, <i>animus, anima</i> . Pensamento, sentimento, sensação, intuição	Libido como energia <i>lato sensu</i> . Inconsciente coletivo Arquétipos
Berne: Análise Transaccional	Exteropsique, neopsique, arqueopsique	Energia catexizada "Pequeno professor"
Behaviorismo reflexológico: Skinner	Condicionamento reflexo e operante	Fator S - princípio de sobrevivência
Psicodrama de Moreno	Papéis psicossomáticos, psicodramáticos e sociodramáticos. Conservas culturais	Fator S (de espontaneidade)
Fenomenologia existencialismo	Existência dos seres	Ser, essência
Transpessoal (Maslow, Assagioli, Tart, Grof, Wilber)	Ego – dualidade sujeito-objeto. Eu individual, Valores D	Eu Universal - vacuidade não vazia. Metamotivos, consciência cósmica, supra-consciência, estado transpessoal.

Procuraremos agora responder à nossa pergunta inicial: o que ou quem se esconde por trás das máscaras?

Se examinarmos o que há de comum nos diversos trabalhos e correntes que acabamos de rever, podemos constatar facilmente inúmeros fatos:

1º - Quando se tenta definir a personalidade ou o eu, estes escapam; os autores os fragmentam, dividindo-os em categorias duais, ternárias ou múltiplas. Edgard Morin já percebera isso quando disse:

... Freud, com o id e o superego, Rank, com o duplo. Jung, com o animus e a anima, realizaram as primeiras grandes revoluções da psicologia moderna, ao descobrirem uma dualidade antagônica e antitética no princípio constitutivo do eu. Por certo, a psicologia clássica dos moralistas já se fundava na oposição entre o “coração” e o “espírito”, entre as “paixões” e a “razão”, mas o teatro do eu estava fechado. É no século XIX que a literatura tira o lacre do eu. O romantismo faz surgir o *alter ego*, permanente e fantasmático, o eu-outro, o duplo. Dostoievski descobre os “demônios” que fazem de nós quase-possuídos, O romance começa a explorar a multipersonalidade de suas personagens. Com Proust, Joyce, Faulkner, o eu colado entre parênteses, como epifenômeno, se dissolve ou desaparece; descobre-se uma movimentada meteorologia interna, e, depois, a confusão e o caos.¹

2º - Ao procurar o que os autores descobriram por trás da máscara da pessoa, podem-se classificar as conclusões ou hipóteses em várias categorias:

- Fatores orgânicos hereditários (sistema nervoso, biótipo, temperamento).
- Uma energia individual ou universal.
- Uma entidade com diversos nomes: eu universal, inconsciente coletivo, Ser, essência, supraconsciência, consciência cósmica.
- Vacuidade não vazia.

Antes de abordarmos a tradição, parece-nos essencial chamar a atenção para a semelhança entre essas hipóteses e as hipóteses da física moderna.

Enquanto para a psicologia o problema era saber o que se oculta por trás da pessoa ou do eu, para a física o problema essencial é saber o que se esconde por trás da matéria.

Tudo indica que a resposta seja idêntica. Tanto a questão de saber de que se compõe a personalidade, como a de determinar o que constitui a matéria chegam ao mesmo ponto.

Como acabamos de ver, a pessoa, ou o eu, se deixa fragmentar de diversas maneiras; não se pode afirmar que exista uma entidade ou substância que a constitua; segundo os autores, por trás dela ou compondo-a encontra-se a energia ou a vacuidade plena de vida, ou ainda um *Self*.

A física quântica, ao analisar a microestrutura da matéria, chega, por sua vez, a hipóteses análogas: a matéria é *energia*; a partícula que se supunha elementar é *luz*; o elemento é evento. Além disso, constata-se, ligada à energia, uma capacidade programática, uma informática no sentido próprio de in-formar, isto é, de dar uma forma, uma capacidade morfogenética cujas grandes linhas mal começamos a ver.

Não estaremos próximos do ponto de encontro entre a psicologia e a física? Não seria a energia, proveniente da vacuidade potencial dessa informática, de natureza mental?

Os precursores de tal visão unificada constituem a vanguarda da atual epistemologia; tanto a abordagem sistêmica de L. Von Bertalanffy como a sistemologia de Lupasco nos falam de sistemas físicos, biológicos e psicológicos; Lupasco vai ainda mais longe, ao integrar os três sistemas numa conceitualização energética unificada.

Pontos de vista da abordagem tradicional

Na Declaração de Veneza, sob a égide da Unesco, vemos uma afirmação segundo a qual as grandes tradições da humanidade não se opõem à ciência, da qual seriam, isso sim, complementares. Portanto, atenderia ao interesse científico inspirar-se nas tradições.

Parece mesmo que se pode ir mais longe e dizer que as tradições começam onde a ciência pára, ali nos confins da especulação científica, especialmente.

No caso presente, o que está por trás das máscaras na psicologia são, como acabamos de ver, hipóteses ligadas à matéria, à energia ou à vacuidade. Estas últimas hipóteses estão presentes nas tradições sob a forma de conclusões de origem experiencial.

Poderíamos fazer longas e numerosas digressões acerca do valor científico da vivência experiencial; digamos simplesmente que a observação científica e a experimentação também são vivências experienciais. Já tratamos dessa questão em outro trabalho.²

Quando se fala de tradição, será justificável considerar todas as tradições espirituais da humanidade como uma só tradição, como sugere, por exemplo, René Guénon?

De fato, tudo indica que as tradições possuam um tronco comum, embora tenham personalidade própria. Pode-se entender isso, de um ponto de vista histórico, como uma origem única, coisa que é de difícil verificação. Mas é possível também situar-se na perspectiva da experiência transpessoal e considerar as tradições, quaisquer que sejam,

como levando a um só ponto convergente: o estado de consciência cósmica, que é o apanágio de todas elas. Como disse Teilhard de Chardin, “tudo que sobe converge”. E bem essa convergência que Ken Wilber acentua quando nos mostra dois pontos de vista: no esotérico, isto é, dos fenômenos exteriores e das aparências, podem-se distinguir várias tradições; na perspectiva esotérica, quer dizer, daquilo que normalmente nos é ocultado em nós mesmos, todas essas tradições levam ao mesmo estado de consciência.

Tentemos fazer uma síntese daquilo que as tradições ou a Tradição nos dizem sobre o nosso tema - por trás das máscaras.

- 1º Há um acordo geral, afirmando que a realidade que vivemos em nosso estado de consciência vígil, ou mesmo onírica, não é o Real.
- 2º Vivemos num estado de ilusão, alimentada por uma dualidade fundamental: a crença em um eu ou ego sólido e permanente, assim como num mundo exterior igualmente sólido e permanente, com constante retroalimentação.
- 3º Todas as tradições falam de diferentes corpos ou camadas que compõem esse ego. No Vedanta, por exemplo, distinguem-se três corpos e cinco camadas comparados às cascas de uma cebola; encontramos essa imagem também no Zohar da tradição judaica, sob o nome de crosta.

Eis um quadro sinótico:

CORPOS	CAMADAS CORRESPONDENTES
Corpo grosseiro ou <i>sthula-sarira</i>	1. <i>anna-maya-kosa</i> ou camada ilusória material
	2. <i>prana-maya-kosha</i> ou camada ilusória de energia vital
Corpo sutil ou <i>suksma-sarira</i>	3. <i>mano-maya-kosha</i> ou camada ilusória do mental-emocional
	4. <i>vijriana-maya-kosha</i> ou camada ilusória do intelecto
Corpo causal ou <i>karana-sarira</i>	5. <i>ananda-maya-kosha</i> ou camada ilusória da felicidade

Cada um desses corpos é vivido num estado de consciência diferente: o estado desperto corresponde ao corpo grosseiro; o onírico é a vivência do corpo sutil; e o estado de sono sem sonhos corresponde ao corpo causal.

- 4º Esses corpos e camadas são os vários véus que mascaram o Real, O que há, por trás das máscaras?

Para o hinduísmo, a resposta é dada através da experiência do *atman*, que é o observador desses três estados, bem como na realização da unidade do *atman* com o *Brahman* ou Absoluto. Trata-se da experiência de *sat-chit-ananda* ou *samadhi*

O budismo não considera o *atman* nem o *Brahman* como substrato de tudo aquilo que existe. A experiência última é a experiência do Ser que é vacuidade-plenitude. De acordo com o Vajrayana tibetano, há continuidade entre o Ser³ e os seres, que não são senão manifestações do Ser na existência.

A visão bramânica se aproxima da visão do islamismo, do judaísmo e do cristianismo, que também nos falam de um Deus transcendente. O budismo, por sua vez, ultrapassa essa dualidade.

5º Pelo menos é assim que os textos apresentam as coisas. No plano experiencial propriamente dito, se se compararem as raras descrições transpessoais feitas pelos maiores mestres de todas as tradições, parece que essas distinções não passam de diferenças de linguagem. São necessárias longas pesquisas para resolver a questão. Há alguma diferença entre os estados de consciência de Cristo, Krishna, Buda, Ramakrisirna, Ramana Maharishi, Milarepa e Simão Ben Yochai?

Reflexões conclusivas

Se tentarmos agora fazer uma aproximação entre as concepções da psicologia moderna e da Tradição, no tocante à nossa questão inicial - o que está por trás das máscaras -, podemos notar certas convergências.

Existe um consenso que afirma o caráter fragmentário e ilusório daquilo a que denominamos “eu” ou “ego”, que estada por trás das máscaras.

A máscara parece ser, de fato, em última instância, esse eu fragmentado, esses agregados assinalados e descritos no budismo como constituidores da consciência.

Por trás dela haveria uma sabedoria primordial inseparável do amor, uma vacuidade plena do potencial energético de todas as formas existentes, dando origem a uma continuidade e a uma inseparabilidade entre os seres, os objetos do universo e o próprio universo. As máscaras são, pois, parte integrante do Ser.

Desemboca-se assim numa visão holística do Real na qual a máscara faz parte daquilo a que denominamos hololudismo⁴ do Ser em existência, um imenso jogo de esconde-esconde holoscópico do Ser consigo mesmo, um vasto holodrama.

As máscaras existem para serem retiradas, de tal maneira que o ser humano descubra aquilo que estava coberto: sua verdadeira natureza, a autêntica natureza do espírito.

NOTAS

1. Morin, E., *Le vif du sujet*, Le Seuil, Paris, 1982, p. 149.
2. Weil, P., *L'Homme sans frontières*. L'Espace Bleu, Paris, 1988.
3. O Ser não reificado, não dual.
4. Equivalente ocidental do termo sânscrito *lila* que significa “o grande jogo cósmico”.

CAPÍTULO 2

QUE LUZ?

Para uma abordagem holística do estudo da iluminação

I - O DESPERTAR PARA A LUZ

Por vezes sem nenhuma preparação, mais freqüentemente depois de um longo retomo às fontes que há em si mesmos, alguns seres humanos defrontam-se de súbito com a vivência da iluminação.

Alguns exemplos de iluminação¹

Vejamos alguns testemunhos, antigos e modernos.

Krishnamurti, em seu diário, a descreve com freqüência, em detalhes:

No momento de acordar, bem cedo, fomos tomados por uma fulminante percepção, uma visão que parecia sem fim. Ela não tinha origem nem direção, mas abarcava todas as visões e todas as coisas. Ela ultrapassava os rios, as colinas, as montanhas, a terra, o horizonte e as criaturas. Nessa “visão” havia uma luz penetrante e uma incrível rapidez. O cérebro não podia seguir o que se passava, nem o mental se mostrava capaz de compreendê-lo. Tratava-se de pura luz, dotada de uma irresistível celeridade.

Yogananda, em sua autobiografia, fala dela com reverência:

“Senhor”, suplicava eu. “estou morto ou vivo?” Um jogo deslumbrante de luzes se expandia diante de mim, a perder de vista. Uma vibração de som doce se resolveu em palavras: O que a vida e a morte têm a ver com a luz? Eu te criei à imagem de minha Claridade. A relatividade da vida e da morte pertence ao sonho, à ilusão do mundo...

Sabe-se o que ocorreu com Paulo no caminho de Damasco. Ele próprio nos dá o seu testemunho disso:

Eu estava a caminho e me aproximava de Damasco quando, subitamente, por volta do meio-dia, uma grande luz vinda do céu me envolveu como seu brilho. Fui ao chão e ouvi uma voz que me dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. Eu respondi: “Quem és tu, Senhor?”. Ele então me disse: “Sou Jesus de Nazaré, que tu persegues. Aqueles que estavam comigo viram bem a luz, mas não ouviram a voz daquele que me falava... Mas, como eu não pude ver por causa do brilho dessa luz, cheguei a Damasco conduzido pelas mãos dos meus companheiros. E “durante três dias, ele ficou sem ver, sem nada comer ou beber”.

E, bem recentemente, um monge cristão – depois de um longo caminho trilhado na Índia, onde tomou o hábito hindu e onde era chamado de Swami Abhishiktananda –, Henri Le Saux, beneditino até o fim da vida, descreveu a iluminação em seu diário; eis algumas passagens, selecionadas por Marie Madeleine Davy em *Itinérances* (nº 1):

... nada mais sei, nem de mim, nem do mundo, nem de Deus, nada mais do que essa luz ofuscante sem raio, sem reflexo, sem nenhuma linha em que o olho possa fixar-se ou usar como ponto de referência...

Onde tudo é luz, na frente, atrás, em cima, embaixo, mar indiferenciado sem limites

Um dia, em 1973, a iluminação será tal que ele não poderá, nem física nem psiquicamente, suportar-lhe a intensidade:

“Deus é luz demais para que fiquemos diante d’Ele. Desaparecemos, absorvidos pela sua Fonte”. A quinze de agosto de 1973, escreverá: “Descobri o Graal! E o Graal não está longe nem perto, está fora de todos os lugares... o vôo, o Despertar..., e a procura se consuma”.

Poderíamos multiplicar os exemplos; eles são numerosos, podendo ser encontrados não somente entre os testemunhos religiosos, como também em descrições obtidas de pessoas sem nenhuma formação mística ou religiosa.

De que se trata?

Passamos os últimos vinte anos reunindo testemunhos, analisando-os, submetendo-os a tratamentos estatísticos, publicando algumas obras acerca da questão, com um objetivo essencial: o de demonstrar o aspecto universal dessa “experiência”, de que é possível reunir ao seu redor a tradição e a ciência.

Com efeito, essa experiência constitui o objetivo essencial de todo caminho tradicional; toda a tradição se funda nessa vivência; esporádica em alguns, estado permanente entre os seres completamente realizados, é nela e nas revelações que comporta que se apóiam os textos das diferentes tradições.

Ao lado desse conhecimento imediato e “interior” da natureza do Real descrito na tradição, desenvolveu-se e tomou um impulso extraordinário no século XX uma outra abordagem: a ciência, fundada na observação e na experimentação, apoiada nos cinco sentidos e na lógica formal. Quando ela toca os confins do possível, seus pesquisadores começam a fazer perguntas essenciais, estimulados pelo medo provocado pela dissociação entre o conhecimento e o amor, entre as aplicações de suas descobertas e a ética, dissociação que pode nos levar a uma catástrofe. Eles se voltam para a tradição, na qual sabedoria e amor são indissociáveis. Essa é, sem dúvida, a sua mensagem essencial; é uma contribuição que, por si só, justificaria todo o esforço para propiciar o reencontro entre a ciência e a tradição.

A abordagem científica

Mas essa aproximação defronta-se com um grande obstáculo: a ciência só poderá admitir a tradição com a condição de verificar, através de seus próprios critérios, o fundamento da iluminação, sobre o qual a tradição repousa. Dirão alguns: tanto pior para a ciência! Trata-se de uma atitude destrutiva; aqueles que a adotam esquecem que a nossa civilização é praticamente dominada pela ciência e pela tecnologia; se, pelo controle científico dos estados de iluminação, chegarmos a confirmar a validade destes, a ciência poderá inspirar-se na tradição para corrigir seus erros fundamentais. Por outro lado, é possível esperar também que numerosas pessoas atualmente céticas ingressem num caminho tradicional.

Ora, já foram reunidos dados suficientes para demonstrar, ao menos, que há uma pesquisa fundamental a ser efetuada. Essa pesquisa já teve início.

Um pouco de história...

A iluminação é um dos temas cada vez mais citados nas revistas e jornais, não só na imprensa da Nova Era, como também nas publicações dirigidas ao grande público.

Parece ter passado o tempo em que os sábios e místicos iluminados eram atingidos pela suspeita de alucinação, loucura ou charlatanismo.

Um novo ramo da psicologia, a psicologia transpessoal, dedica-se ao estudo metódico desse tema, cercado-se progressivamente de todas as colaborações indispensáveis por parte da ciência, da filosofia, da arte e das grandes tradições iniciáticas.

Descrevemos recentemente² as grandes linhas da história e da metodologia dessa nova forma de psicologia, assim como seus principais campos de aplicação e os obstáculos específicos que encontra em seu caminho. Sua abordagem tem uma característica essencialmente holística, tanto pela natureza do seu “objeto” de estudo, como por sua metodologia.

A iluminação leva seus “sujeitos” a uma visão holística da realidade, isto é, a uma perspectiva não dualista na qual “o todo” e cada uma de suas sinergias estão estreitamente ligados, em interações constantes e paradoxais.³ É este, portanto, seu “objeto” de estudo.

Quanto à metodologia, foram várias as fases por que passou. Relembremos as principais:⁴

A fase mística, no curso da qual alguns mestres espirituais, preocupados com a necessidade de transmitir por meio de palavras sua vivência inefável, deixaram testemunhos escritos ou os transmitiram a seus discípulos, que os reproduziram o mais fielmente possível. Encontramos esses relatos em todas as culturas e em todas as épocas da história da humanidade. Reunimos vários deles numa coletânea⁵, para permitir ao público uma noção mais viva e concreta a respeito,

Além desses testemunhos pessoais, envidaram-se grandes esforços para classificar e codificar as diferentes manifestações espirituais e para descrever os métodos que permitem o acesso à iluminação.

A fase dos precursores da psicologia transpessoal começa por volta de 1900, quando um dos pioneiros da psicologia moderna, William James, nos Estados Unidos, e Richard Maurice Bucke, no Canadá, demonstram, independentemente um do outro, que é possível submeter os testemunhos de que falamos a uma análise de conteúdo, extraindo deles as principais características. São criados novos termos para substituir expressões como o “Reino do Pai”, samádi, nirvana, devekuth, êxtase, etc. Bucke fala de “consciência cósmica”; Freud, não crendo nisso, batiza-a de “experiência oceânica”; Jung forja o termo “transpessoal”.

A fase da psicologia transpessoal propriamente dita começa com investigações claramente científicas. Foi Thérèse Brosse, sem dúvida, médica de nacionalidade francesa, que, bem antes da Segunda Guerra Mundial, realizou na Índia as primeiras pesquisas de mensuração das reações fisiológicas de grandes iogues em estado de samádi. Seu trabalho

mostra, de maneira indiscutível, que o estado transpessoal é acompanhado de manifestações somáticas, o que prova não ser ele simplesmente um vago processo “metafísico” ao contrário do que gostariam certos cientistas ocidentais. Hoje é possível acompanhar e diagnosticar o início e o fim de uma experiência transpessoal por meio da medição de reações eletrocutâneas, eletroencefalográficas, eletrocardiográficas e respiratórias, entre outras, graças ao desenvolvimento de polígrafos.

A essas pesquisas de natureza psicofisiológica viriam acrescentar-se as contribuições da reflexologia, do *biofeedback*, da psicometria, da psicologia experimental, da psicanálise, da psicologia genética ou evolutiva, da psicopatologia, da psicologia clínica; em suma, os principais ramos da psicologia põem-se, de maneira progressiva, a trabalhar com o transpessoal.

A partir de 1969, ano da fundação da Associação Americana de Psicologia Transpessoal, aparecem numerosas publicações e revistas, sendo realizados colóquios e congressos no mundo inteiro. Graus de mestrado e de doutorado em psicologia transpessoal são conferidos no California Institute for Transpersonal Psychology.

A psicologia transpessoal é considerada nos EUA como a quarta revolução psicológica, depois da revolução behaviorista, da psicanalítica e da humanista.

A fase holística. Mas sua evolução não pára aí. A psicologia transpessoal põe em questão o paradigma newtoniano-cartesiano, sobre o qual repousam tanto a psicologia científica como a macrofísica, e no qual essas duas ciências se inspiram. Surge um novo paradigma que ultrapassa os limites de nossa lógica formal. Stéphane Lupasco chega a propor uma nova lógica.⁶

Nas experiências transpessoais, os testemunhos falam de uma visão da realidade em que o todo se encontra em todas as partes, ou ainda, na qual não há mais sujeito nem objeto. Os físicos constataam certo paralelismo entre esses dados imediatos da consciência e os resultados experimentais obtidos, especialmente, na física quântica. Físicos de renome participam em número cada vez maior de colóquios e congressos transpessoais, juntando-se a eles antropólogos, neurologistas, mestres de ioga ou de zen, lamas tibetanos, artistas e educadores.

Embora ainda se caracterize por sua natureza especulativa, essa abordagem holística talvez assuma mais tarde uma forma transdisciplinar e ultrapasse uma interdisciplinaridade ainda embrionária. Um dos objetivos desta apresentação é precisamente contribuir para o nascimento dessa transdisciplinaridade e examinar-lhe as condições de atualização.

O terceiro milênio verá, talvez, a tradição tornar-se científica e a ciência tornar-se tradicional, a ponto de não ser mais possível distinguir entre ambas. Afinal de contas, sua fonte não é o mesmo espaço luminoso?

Ver mais claro

Enquanto esperamos por essa evolução, podemos tentar perceber com mais clareza aquilo que se passa atualmente nesse campo. É o que começamos a fazer nesta primeira parte.

Na segunda, faremos um esforço para definir o que é de fato um ser iluminado e para saber, se possível, como reconhecê-lo.

Na terceira, examinaremos diferentes aspectos do diagnóstico do transpessoal, constatando como, por intermédio da análise dos testemunhos de seres iluminados, podemos identificar o que é verdadeiramente transpessoal. Focalizaremos de modo especial a Luz, em razão dos aspectos interdisciplinares que ela suscita.

Na quarta parte examinaremos as condições em que poderá ocorrer o encontro entre ciência e tradição, o que nos levará a uma análise crítica da possibilidade da transdisciplinaridade em tomo do fenômeno da iluminação.

II - COMO RECONHECER UM SER ILUMINADO

Faremos agora um balanço sucinto de nossa percepção do atual estágio da pesquisa do transpessoal, no que diz respeito à iluminação e, em particular, no âmbito desta, à vivência da Luz. Essa percepção é fruto da atividade daqueles vinte anos a que já nos referimos.

Deparamos um primeiro obstáculo quando desejamos estudar a iluminação: é necessário definir o que é um ser iluminado, a fim de avaliarmos as pessoas ou testemunhos com os quais vamos trabalhar. Podemos para isso utilizar vários critérios, tais como:

A observação do comportamento exterior desses possíveis iluminados, revela que sua conduta distingue-se principalmente por:

- Uma abertura incondicional aos outros; trata-se, em outras palavras, de seres que dão de si a cada momento da existência. Mostram, com seu exemplo, que o amor altruísta incondicional e espontâneo é possível.
- Uma excepcional capacidade de concentração e de atenção com referência a tudo que se passa em todos os momentos.
- Uma capacidade de adaptação à mudança, que implica um completo desapego.
- Uma reserva de energia aparentemente inesgotável, a qual lhes dá uma capacidade de trabalho que pode ultrapassar vinte horas por dia.
- Estarem despertos mesmo durante o sono e, em geral, levantarem-se bem antes do sol.
- Empregarem toda a sua energia visando criar as condições necessárias para a iluminação de todos os seres que os buscam com essa finalidade.
- Serem o veículo de uma sabedoria primordial, traduzida, de maneira infalível, em suas palavras e ações.
- Reduzirem as necessidades pessoais ao mínimo essencial à sua subsistência.
- Terem domínio das formas sutis da energia, mantendo reserva a respeito.
- Não exibirem seus poderes, salvo em certos casos, quando necessário, e sempre com o objetivo de ajudar a quem precisa.
- Um ambiente de paz, de serenidade e de respeito, que os circunda onde quer que estejam.

- Mesmo quando vivem isolados, viverem sempre em benefício de todos os seres.
- Possuírem um senso prático extremamente desenvolvido, aplicado aos pequenos detalhes da vida cotidiana.
- Uma paciência a toda prova.
- Uma memória excepcional.

Diagnóstico diferencial do nível evolutivo

Pode-se tentar saber se foi atingido o estágio final da evolução humana, ou seja, aquele a que se denomina estado transpessoal. Para tanto, convém conhecer as etapas anteriores, que poderiam ser assim sintetizadas:

Primeiro estágio: Desconhecimento, ausência total de conhecimento ou mesmo de informação acerca da natureza do espírito e do Real. É a situação da grande maioria dos seres humanos da nossa atualidade, que se limitam a crer em seus cinco sentidos, ou na ciência e na tecnologia mecanicista.

Segundo estágio: Sensibilização para outros estados de consciência, que pode ser conseguida de maneira fortuita ou organizada. O interesse pode ser despertado pela leitura de um texto, pelo testemunho de um grande mestre, pela vivência de uma experiência privilegiada ou pelo paroxismo de uma crise existencial dolorosa. Às vezes, a freqüência a um seminário, a uma oficina transpessoal ou mesmo a uma terapia mais convencional despena na pessoa forças até então insuspeitadas.

Terceiro estágio: Busca de um método ou de um caminho. Esta etapa costuma caracterizar-se por uma febril pesquisa livresca; não se pensa senão nisso; alguma coisa nos diz que o essencial está em algum lugar e as leituras o confirmam; busca-se um caminho, um mestre; acontece com freqüência o que o lama Dênis chamou de “coquetel espiritual”, isto é, uma combinação de hatha ioga, terapia, leitura com um pouco de meditação, luta marcial ou tai-chi-chuan.

O “coquetel espiritual” pode ser o sintoma de uma busca característica deste estágio; pode ocorrer também que as pessoas se fixem neste patamar pensando ter encontrado o seu caminho. E não falta quem, depois de uma experiência qualquer da Luz, se creia iluminado, detendo-se aí. Outros, porém, encontram sua senda ou seu mestre. E então que começam a grande aventura.

Quarto estágio: A prática de um caminho. No decorrer dessa etapa são descobertas, pouco a pouco, as barreiras que impedem o verdadeiro conhecimento, aprendendo-se a afastá-las. Os métodos variam a depender do caminho escolhido, podendo ser mudados em virtude da evolução pessoal e de determinadas condições individuais. Mas, se se quiser chegar à fase final, não há como limitar a prática. Esta se estenderá, de maneira progressiva, a toda a vida cotidiana; ao contrário, poderá ocorrer uma regressão.

O presente nível se estende, portanto, a todos os outros.

Quinto estágio: Estabilização emocional e paz interior. À medida que os obstáculos ao conhecimento se dissolvem – o que corresponde à identificação e ao controle da origem última dos sentimentos e emoções destrutivos – diminui a agitação dos nossos pensamentos e uma paz interior se instala. Esta é uma condição necessária ao trabalho posterior, embora existam caminhos que aproveitam os conflitos como meio direto e imediato de transcendência. Esta etapa é acompanhada por uma compreensão correta e profunda da natureza do Real ou do espírito.

Deseja-se essa paz para todo o mundo; o amor se expande.

Sexto estágio: Realização da não-dualidade. Até agora, a pessoa foi o teatro da manifestação de numerosos fenômenos, no sentido grego da palavra: “aparências” ilusórias, tais como visões de formas e de luzes, audição de sons, percepção de vibrações energéticas, manifestações parapsicológicas de diferentes naturezas, regressão a vidas progressas ou a fases anteriores desta existência, etc. Um mestre competente mostrará que tais fenômenos são de fato tão ilusórios quanto o sonho ou o mundo físico habitual. Em todas essas experiências há ainda a ilusão da separação entre sujeito e objeto, podendo até ser reforçado o fantasma da separatividade.

A dissolução desse fantasma leva progressivamente a vivências holísticas a-conceituais e inefáveis. Passa-se, do desconhecimento dualista inicial, ao verdadeiro conhecimento, à Presença, onde não há ninguém para conhecer... O amor por todos os seres torna-se luz, aquilo que ele sempre foi, desde o começo sem começo...

Sétimo estágio: A libertação. Enquanto na etapa precedente os vislumbres do Real permitiram a apreensão de sua natureza, agora a Presença ou verdadeiro conhecimento se instala de maneira constante e sem retomo. A dicotomia entre o relativo e o absoluto é ultrapassada: quanto mais conceitos, mais condicionamentos; o Espaço-Luz incomensurável irradia, por todo esse corpo que ele também é, amor e conhecimento, o estado primordial que sempre existiu, mas que estava velado pelo desconhecimento; o véu se dissolveu.

É evidente que esta descrição é muito esquemática; em seu início, ela leva em conta nossa realidade ocidental; os dois estágios finais não mencionam certas sutilezas que

separam, talvez aparentemente, os caminhos tradicionais judaico-cristãos e hinduístas, bem como as formas avançadas do budismo Vajrayana, em particular.

A validação consensual dos seres iluminados é, enfim, o último critério que nos vem ao espírito.

Como podemos saber com certeza se um ser alcançou de fato o estágio final? Com efeito, tudo indica que somente um ser iluminado pode reconhecer outro; daí a existência de linhas ininterruptas, ou infelizmente, por vezes interrompidas, de mestres que reconhecem seu par e/ou sucessor. Essas linhagens ainda existem em certos caminhos tradicionais, mesmo em nossos dias. Tem-se então um consenso de mestres iluminados que reconhecem seus pares.

Esse acordo pode ser reforçado pela consensualidade dos discípulos, aos quais foi possível apreciar a força da transmissão do mestre no curso de sua própria jornada. As vezes, existe apenas a validação consensual dos discípulos. Há, sem dúvida, seres iluminados desprovidos dessa validação, em virtude de sua condição de anacoretas: ninguém os conhece.

Eis portanto, definido o que deveria ser o primeiro passo para selecionar uma amostra representativa de seres iluminados ou para escolher entre eles um que se disponha a tornar-se (oh, sacrilégio!...) “objeto” de estudo.

Os critérios que aqui propomos são muito rigorosos e têm como fundamento, como dissemos, nossas próprias observações e experiências, que incluem longos anos de contato com seres iluminados. Pensamos que a maioria das pesquisas sobre testemunhos, inclusive as nossas, estão fundadas, mais ou menos conscientemente, no critério do consenso; a observação direta do comportamento nem sempre é possível e, no caso de “seres” falecidos, restam apenas os testemunhos. Quanto ao critério evolutivo, não se pode fazer uma avaliação sem ter como base o testemunho de sua vivência. Entramos, neste caso, numa espécie de círculo vicioso: para definir o que é iluminação, é preciso estudar os testemunhos daqueles que passaram pela vivência; é necessário, portanto, escolher esses seres e, para fazê-lo, devemos apoiar-nos justamente nos testemunhos, dos quais desejamos extrair de modo objetivo as manifestações interiores de iluminação.

Apenas superando esses obstáculos, quando não há possibilidade de preencher as condições ideais, é que numerosos pesquisadores, entre os quais nos incluímos, estudaram os testemunhos que depararam pelo caminho, sem se preocuparem em demasia com problemas de amostragem; ao fazê-lo, é provável que tenham juntado pessoas do último estágio evolutivo com outras situadas no sexto estágio; ou talvez no quarto, no quinto.

No espírito de uma “experiência para ser vista”, no sentido que lhe dá Claude Bernard, nós mesmos passamos, além disso, às classificações que limitam a iluminação a um estado não dual. Por outro lado, não tínhamos, na época, uma noção tão clara da não-dualidade como temos hoje; isso nos permitiu incluir pessoas que tiveram experiências de morte clínica, de sono, de meditação, de droga, de psicose, assim como casos fortuitos sem causa aparente. No comentário que faremos a seguir, levaremos também em conta dados já publicados em outros trabalhos a respeito dessa investigação. Isso nos permitirá precisar os aspectos verdadeiramente transpessoais, quer dizer, não duais, situados para além do ego de uma pessoa que observa um fenômeno interno ou externo.

Falaremos, de início, de todos os fenômenos encontrados nessas investigações; sua classificação implica, com freqüência, aspectos teóricos cuja complexidade ultrapassa os limites desta exposição e que assinalamos, em parte, em nossos trabalhos precedentes.

Limitar-nos-emos, a seguir, a expor aquilo que encontramos no âmbito das características essencialmente transpessoais, em particular no que se refere à vivência da Luz.

Começemos, pois, por distinguir o que é transpessoal daquilo que não é.

Esse é o assunto da terceira parte desta exposição.

III- CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO DO TRANSPESSOAL

O que é verdadeiramente o transpessoal?

Podemos propor uma classificação muito simples para tratar este assunto. Ela se faz necessária, pois é possível notar, atualmente, uma confusão muito grande entre manifestações como: percepção extra-sensorial, mediunidade, lembranças de vidas passadas, saída do corpo físico, estado de transe e tantas outras, e a iluminação ou o transpessoal. Colocar em pé de igualdade um ser iluminado e um médium, um sensitivo, um xamã, um curandeiro ou um astrólogo, é um erro tão grosseiro quanto confundir um calculador-prodígio com Einstein.

É um engano compreensível, pois, como sabemos, todos os grandes místicos, sem exceção, possuem capacidades parapsicológicas. Esses carismas ou *siddhis* se manifestam de modo exterior, visível, ao contrário do que ocorre com o estado interior; portanto, o público, conhecendo apenas os aspectos superficiais, impressiona-se de tal modo com eles que esquece o essencial. As manifestações parapsicológicas dão-se como consequência da amplificação do campo consciente, devido à dissolução das barreiras do ego e da passagem para outro estado de consciência, de nível onírico.

Em todas essas manifestações, tal como no mundo físico propriamente dito, subsiste ainda a relação sujeito-objeto; quando olho a folha de papel onde escrevo, há um sujeito que observa o objeto chamado papel e que escreve à máquina sobre esse objeto; da mesma maneira, se vejo um fantasma, um sonho, o futuro de uma pessoa, há um sujeito que percebe. Sempre há, portanto, uma pessoa, um ego, tanto em psicologia como na parapsicologia. No transpessoal essa distinção se evapora; o fantasma da separatividade dissolve-se como uma miragem. Não quer dizer que o ser iluminado já não perceba os fenômenos físicos ou parapsicológicos; mas, neste nível, não há mais nenhuma discriminação ou julgamento relativo. Os fenômenos são o que são: aparências, como um sonho ou um filme; tanto o sujeito como o objeto são apenas isso, sendo, também, indissociáveis do espaço que compõem ou onde se localizam.

Assim, enquanto houver separação, discriminação, julgamento, observação, constatação, encontramos-nos ainda no plano pessoal.

Quando deixa de existir qualquer discriminação sujeito-objeto, quando não há mais nenhuma espécie de dualidade, incluindo-se a discriminação que fazem aqui entre pessoal e transpessoal, é que se torna reconhecível o verdadeiro transpessoal, que ultrapassa até a discriminação entre relativo e absoluto. Eis por que, como veremos adiante, é melhor empregar o termo “holística”.

Em rigor, não se pode falar sequer de experiência ou de vivência holística do Real, se o “sujeito” não puder mais distinguir-se desse Real, deixando de ver-se como objeto da experiência ou da vivência. Na realidade, é o espaço que se percebe a si mesmo; trata-se de uma espécie de autoscopia do Ser, ou daquilo a que denominamos holoscopia: o Ser contempla a si mesmo no momento em que pensamos que olhamos um objeto ou uma pessoa...

Isolamos, numa de nossas pesquisas,⁷ através de um processo estatístico chamado “análise fatorial”, quatro tipos de manifestações:

- Fenômenos de percepção propioceptiva;
- Fenômenos de percepção exteroceptiva;
- Fenômenos parapsicológicos;
- Descrições de ordem transcendental.

Só estas últimas podem ser consideradas verdadeiramente transpessoais.

Numa outra abordagem,⁸ submetemos a uma análise de conteúdo 153 relatos ou testemunhos, tendo sido classificadas 1802 frases em 107 categorias diferentes.

Às quatro classes de pesquisa anterior, acrescentamos fenômenos de saída do corpo físico, fenômenos afetivos e eventos posteriores à primeira experiência.

Teríamos de alongar-nos demais, se abordássemos as dezenas de categorias que compõem cada uma dessas classes. Limitar-nos-emos a relacionar aquelas que consideramos especificamente transpessoais, tentando dar a cada uma definição operacional que permitirá que a identifiquemos nos testemunhos.

- Sentimento da dissolução do eu: A pessoa apercebe-se do caráter ilusório do ego e de sua identificação com o corpo físico.
- Vivência não dual: Desaparecimento da distinção entre o eu e o mundo exterior, ou entre aquilo que está “dentro” e o que está “fora”. Sentimento de unidade com o todo, de uma continuidade subjacente à aparente descontinuidade.

- Inefabilidade: Não há palavras para descrever a vivência. Constatase que toda palavra limita sua real amplitude.
- Realidade: Convicção indiscutível da absoluta realidade da experiência, que é bem mais real do que a vivência do cotidiano.
- Atemporalidade: Descoberta do caráter relativo das três dimensões temporais. O tempo deixa de existir; horas e dias podem parecer minutos.
- Caráter paradoxal: A lógica formal é ultrapassada - o vazio não é vazio, o todo está em toda parte, as coisas existem e ao mesmo tempo não existem, etc.
- Aconceitualidade: O pensamento conceitual é experimentado como um obstáculo e não consegue acompanhar a vivência. Esta é apreendida instantaneamente, sem nenhum conceito.
- Presença: Sentimento de uma onipresença, difundida em toda parte ao mesmo tempo, não sendo interior nem exterior. É uma presença percebida como sagrada ou divina.
- Lucidez completa: “Vive-se” nos dois planos, o do Absoluto e aquele dos fenômenos, ultrapassando-se essa dicotomia. Tudo é vivido, nada escapa à percepção.
- Movimento cósmico: Em razão do caráter atemporal da experiência, há uma apreensão imediata dos ciclos cósmicos, bem como da sua feição relativa.
- Espaço aberto: A vacuidade espacial é vivenciada não como vazia, e sim como algo que compõe todos os fenômenos, mesmo as manifestações mentais; é um espaço sem fronteira alguma.
- Luz: Vivência de uma luminosidade infinita que engloba tudo, por vezes designada como o verbo ou o amor, e que se toma, eventualmente, insuportável e cegante.
- Luminosidade do corpo físico: O corpo do iluminado irradia uma luz percebida por outras pessoas como uma fulguração deslumbrante.
- Instantaneidade: Quando se trata de uma vivência não permanente, a experiência sobrevém de maneira súbita e imprevisível.
- Eventos posteriores à primeira experiência: Tendência ao desapego, mudança de sistema de valores, perda do medo da morte, desenvolvimento do amor e da compaixão.

Como dissemos, aparecem muitos outros fenômenos, em nossas análises e nas de outros autores; mas são, todos eles, de natureza dualista, inclusive os referentes à visão de espíritos, anjos, divindades, profetas e santos, ou a diferentes espécies de revelação.

As características que enumeramos não se verificam em conjunto em todos os testemunhos, mas surgem com certa assiduidade. A frequência estatística nem sempre é um indício da importância da manifestação, para fins da caracterização de um ser iluminado. A vivência do espaço aberto ou a iluminação do corpo físico na transfiguração, por exemplo, são extremamente raras, tendo sido citadas apenas nos casos dos grandes iluminados, como Moisés, Buda, Jesus ou Simão Ben Yochai (que chegava a ser chamado pelos discípulos de “Limpada”).

Passemos agora, com mais vagar, ao exame do aspecto luminoso, especificamente.

Que é essa Luz?

Escolhemos as manifestações luminosas do transpessoal pelas seguintes razões:

- A luz é um tema comum à microfísica e à tradição, sendo esta última o objetivo essencial da vivência transpessoal. Temos, portanto, uma excelente oportunidade de “testar”, de modo operacional e num objeto determinado, a possibilidade real de interdisciplinaridade, talvez de transdisciplinaridade, entre a tradição, a psicologia transpessoal – que já integrou métodos das ciências humanas e das ciências biológicas – e as ciências físicas, com cuja contribuição poderá eventualmente ser ultrapassado o estágio especulativo atual. Poderá? – perguntaríamos.
- A luz possui, na experiência transpessoal, qualidades ou propriedades de informação, de transmissão extra-sensorial imediata e atemporal, que recorda certas teorias de física quântica.
- A luz é um *leitmotiv*, na experiência transpessoal; ela aparece sob diferentes aspectos - os quais, em nossas investigações, reuníramos numa só rubrica, por insuficiente experiência na época (há uns quinze anos). Tratar-se-á da mesma luz? E, em caso positivo, será essa luz a mesma das partículas subatômicas?

- Parece-nos, embora faltem estudos comparativos mais precisos, que tanto na tradição como na física quântica a luz é considerada como uma espécie de mediador, de “objeto” intermediário, de “lugar” ou campo de transformação do espaço - tomado como vacuidade não vazia, como potencial para todas as manifestações fenomênicas da macrofísica. Ela seria, assim, inseparável da vacuidade não vazia do espaço e da forma densa da energia, que chamamos de matéria na linguagem corrente. Seria ela, de fato, esse potencial?

Vejamos, pois, como se apresenta a luz, em nossas pesquisas da psicologia transpessoal.

Como dissemos, os testemunhos que lhe fazem referência são muito numerosos. Eis a ordem em que essa categoria se coloca, em relação às demais, que ocupam os primeiros lugares:

Categoria	%
Encontros com seres de outra dimensão	53,59
Experiência de luz	52,28
Transcendência espaço-tempo	48,36
Conhecimento por revelação	35,29
Instantaneidade	36,60
Experiência de unidade	32,02

Como constatamos, a experiência luminosa figura em primeiro lugar, em igualdade com a de encontros com seres de outra dimensão, em que pese insignificantes diferenças percentuais.

Já dissemos que esses resultados devem ser completamente revistos, não só por tratar-se de uma amostragem que não diz respeito apenas a seres completamente iluminados, mas também porque colocamos na categoria “Luz” todas as referências a experiências de visão luminosa. Eis o texto do critério operacional classificatório:

A pessoa faia de iluminação, de visão de uma luz tão intensa que não pode ser percebida em estado de consciência cotidiana. (Não confundir com a metáfora “iluminação”, que exprime uma revelação, devendo ser classificada na rubrica “Conhecimento imediato por revelação”.)

Sabemos hoje que seria necessário precisar a classificação, distinguindo entre os fenômenos luminosos nos quais ainda existe um observador e aqueles em que o observador, a começar pelo seu corpo, dissolve-se e é parte integrante da luz, ou melhor, é a luz. Chamaremos à primeira categoria “Experiência pessoal” e à segunda, “Vivência

transpessoal”. Consideramos necessária essa distinção, malgrado o fato de os dois tipos de categorias se situarem numa dimensão extra-sensorial.

Começemos por uma breve descrição e definição dos diferentes tipos de experiências da primeira categoria.

Experiências pessoais

Sob esta rubrica, distinguimos duas subcategorias que são: as percepções exteroceptivas, isto é, a visão de luzes percebidas como situadas fora do corpo físico do observador, e as percepções interoceptivas, situadas pelo observador como estando em seu corpo ou espírito.

Percepções exteroceptivas

- Visão de um halo luminoso de cores variadas, em torno da cabeça, das mãos ou de todo o corpo. Identificado por alguns sob o nome de “aura”, esse halo é às vezes acompanhado de um conhecimento intuitivo da disposição ou da saúde da pessoa observada.

É possível que essa visão seja lateral, em relação à cabeça de quem a observa, podendo também ser distinguida em torno do seu corpo, pelo próprio observador. Pode ser vista ao redor de plantas e de árvores. Note-se que ela é bem diferente da permanência, na retina, do negativo luminoso da forma percebida: trata-se, neste caso, de um fenômeno puramente fisiológico.

- Visão de pontos ou de círculos luminosos que aparecem no espaço: podem ser brancos ou coloridos, aparecendo e desaparecendo em frações de segundos.

Distinguem-se daqueles pontos comumente percebidos, que não são mais do que a visão de partículas misturadas à secreção lacrimal do observador.

- Visão de uma pérola azul, cujo diâmetro pode variar e transformar-se no decorrer da experiência. É descrita por Muktananda como uma espécie de veículo de um outro espaço.

- Visão de uma luz azul diáfana que preenche todo o espaço em torno do observador. Pode ser esporádica ou fazer parte do cotidiano do iluminado. Fala-se eventualmente de uma pulsação.
- Visão de uma estrutura atômica constituída de partículas luminosas, ou de luz. Alguns testemunhos afirmam tratar-se de átomos e de moléculas.
- Visão, no corpo físico de outras pessoas, de estruturas luminosas de diferentes cores, percebidas como pétalas e ligadas entre si por canais igualmente luminosos, ocorrendo, algumas vezes, uma circulação de partículas de luz nesses canais ou no corpo observado. Certos testemunhos referem-se ao sistema de *chacras*.
- Visão de uma transparência luminosa no corpo de uma ou de várias pessoas, cujo aspecto físico e sólido desaparece. A luz pode ser colorida.
- Visão de pessoas cuja estrutura física se ilumina, parecendo ser constituída, por completo, por uma luz resplandescente, acompanhada de outros fenômenos intuitivos. Essa percepção pode ser ou não captada pelos órgãos sensórios visuais físicos de outros observadores. Um caso particular é a visão do “corpo do arco-íris”, no momento da desmaterialização física de certos lamas tibetanos.
- Visão de seres luminosos desprovidos de corpo físico, que aparecem e desaparecem no espaço, dirigindo-se, às vezes, verbal ou intuitivamente, ao observador.

Percepções interoceptivas

- Visão, com os olhos fechados e à noite, de luzes coloridas ou não, no interior do espírito ou como se fossem projetadas na tela das pálpebras.
- Visão da circulação de partículas luminosas no corpo do observador, por este próprio. Tal luz é percebida como dotada de inteligência.
- Visão em que o corpo do observador está completamente luminoso e translúcido.
- Visão de uma luz ofuscante no início de um túnel ou de um canal.
- Visão de uma pulsação luminosa rítmica, colorida ou branca.

- Visão de uma energia luminosa que ascende a partir da base da coluna vertebral, acompanhada por um calor intenso. Atravessa, eventualmente, os centros energéticos ou *chacras*; essa experiência é identificada em certos testemunhos como a percepção da *kundalini* ou da *shakti*.

Vivência transpessoal

Neste nível já não se pode falar de experiência luminosa, por não ser mais possível distinguir limites entre a luz do corpo do observador, a luz do espaço e a luz do espírito. Nota-se nos testemunhos uma linguagem paradoxal, como: “nem dentro nem fora” e “em todo lugar ao mesmo tempo”. Trata-se da vacuidade do espaço de onde emana, paradoxalmente, o que compõe tudo, inclusive os objetos tidos como materiais pelos sentidos físicos. A luz é inseparável e indissociável tanto do espaço como dos fenômenos.

Essa descrição, o mais neutra e objetiva possível em face da complexidade deste assunto que, por sua natureza, questiona justamente a possibilidade da “objetividade” científica, permitirá talvez a abordagem transdisciplinar da vivência transpessoal da luz, vivência na qual ela é, ao mesmo tempo, sujeito, objeto e espaço, ou, ao menos, inseparável dos três.

Isso nos permitirá precisar melhor agora, qual poderá ser o procedimento de tal pesquisa transdisciplinar e quais as modalidades e alternativas de uma abordagem autenticamente holística.

Esse procedimento deverá partir de questões formuladas pela descrição que acabamos de fazer, as quais acreditamos serem as seguintes:

- As diferentes espécies de fenômenos luminosos descritos sob a rubrica “experiências pessoais” são da mesma natureza?
- A luz da “vivência transpessoal” tem a mesma natureza luminosa das outras vivências?
- A luz das partículas subatômicas e seu caráter paradoxal de continuidade e descontinuidade são idênticos à luz da vivência transpessoal, mencionando-se também o caráter igualmente paradoxal de ser ela espaço e matéria ao mesmo tempo?

Para esboçar uma estratégia de pesquisa transdisciplinar, seria necessário começar a consultar tanto especialistas credenciados de certas disciplinas das ciências

humanas e exatas, como representantes competentes dos principais caminhos tradicionais. Há, em cada um desses caminhos, descrições e interpretações dos fenômenos que descrevemos – tratar-se-ia das mesmas descrições e interpretações?

Disciplinas científicas como a física nuclear, a biofísica, a neurologia, a psicologia experimental, a psiquiatria, a neurofisiologia da glândula pineal e a oftalmologia, entre outras, terão, todas, uma série de hipóteses a serem levantadas. Trata-se de hipóteses idênticas entre si ou diferentes? O que pensariam delas um antropólogo, um filósofo e um epistemólogo?

NOTAS

- 1) Ver também, do mesmo autor, *Antologia do Êxtase*. No prelo por esta editora.
- 2) Weil, Pierre, “Vers une approche holistique de la nature de la réalité”, in *Médecines nouvelles et Psychologies Transpersonnelles*, Ed. Albin Michel, Paris, 1986, pp. 11-57, *Question de...*
- 3) Definição dada pelos Estatutos da Universidade Holística Internacional. Paris, 1986.
- 4) Weil, P., *ibid.*, pp. 15-20.
- 5) Weil, P., *Anthologie de l'Extase*, ed. Albin Michel, Paris. 1989, *Question de...*
- 6) Lupasco, S., *Les trois, matières*, Julliard, Paris, 1960.
- 7) Weil, P., Conto, L. F., Cunha, E. S., “Variáveis da consciência cósmica. Uma tentativa de abordagem em Psicologia Transpessoal”. in *Psicologia Transpessoal. Aspectos psicométricos*, Vozes, Petrópolis. 1976.
- 8) Weil, P., “Análise de conteúdo de relatos obtidos em estado de consciência cósmica”, in *Psicologia clínica e psicoterapia*, Belo Horizonte, 1(2): 55-82, 1977.

CAPÍTULO 3

O ENCONTRO ENTRE A CIÊNCIA E A TRADIÇÃO

É possível o encontro entre a ciência e a tradição?

Enquanto os pesquisadores, no início da psicologia transpessoal, se limitavam a descrever fatos, analisando-os e especulando a respeito, poucas controvérsias sérias foram notadas. A maior parte das pesquisas inspirava-se nas ciências “humanas”. Com a entrada dos físicos, começou a ser questionada a possível contribuição das ciências “exatas”. Um grande entusiasmo tomou conta dos meios transpessoais, em especial depois dos trabalhos de Lawrence LeShan¹, os quais mostram que observadores imparciais confundiam testemunhos de místicos e de físicos, quando não lhes conheciam a fonte. O primeiro livro de Fritjof Capra² tornou-se rapidamente um *best-seller* nos Estados Unidos. Sua aproximação entre os dados da física quântica e as grandes tradições orientais fundadas nas vivências pelas quais, como revela, ele próprio passou, provocou um choque nos meios científicos americanos.

Esses trabalhos encorajaram, sem dúvida, as aproximações realizadas por David Bohm, amigo de Einstein, e pelo neurofisiólogo Karl Pribram, entre o fenômeno holográfico e os sistemas do cérebro e do universo. A teoria holográfica cerebral e a teoria holonômica do universo suscitam, por sua vez, extrapolações transpessoais. Fala-se, na França, de uma “gnose de Princeton”³, e Jean Émile Charon⁴, firmando-se em sua teoria da relatividade complexa, não hesita em situar o espírito no elétron; seu livro se toma, também, um *best-seller*.

Uma reação às extrapolações prematuras

Em virtude do implacável processo da dialética do mental, a tese da equivalência entre os fenômenos da microfísica e as vivências místicas provocou, com muita rapidez, um movimento de antítese. A tendência dessa antítese era negar, de maneira mais ou menos

categorica, toda a possibilidade de extrapolação de dados da descoberta científica para a tradição. Em síntese, seus argumentos eram:

- A tradição não precisa da ciência para confirmar suas visões, porque estas exprimem o resultado de vivências diretas da natureza do espírito e da Realidade por parte dos grandes sábios, místicos, santos ou iniciados.
- A perspectiva tradicional não muda, porque a natureza primordial é imutável. A ciência, pelo contrário, se acha em constante evolução; uma verdade descoberta hoje, amanhã é tida como ultrapassada.
- Por essa razão, o apoio da tradição aos dados científicos enfraquece a posição tradicional, que se toma dependente do carácter sempre provisório das conclusões científicas.
- A ciência é limitada pelas sensações, pelo intelecto e, sobretudo, pela razão e pela inteligência conceitual. Sendo um produto do pensamento, é, em consequência, dualista por natureza. A tradição aponta caminhos que permitem um acesso à Realidade; situam-se mais além do pensamento, numa vivência aconceitual e não dual.
- Enquanto a ciência se apóia no fantasma da separatividade sujeito-objeto, que ela considera como a base do conhecimento, a tradição considera essa base como um desconhecimento, cuja dissolução conduz, de modo espontâneo, ao verdadeiro conhecimento.
- Enquanto a tradição se inspira diretamente na sabedoria primordial, inseparável do amor, a ciência está limitada a uma ínfima parte da primeira, ou seja, ao pensamento conceitual; este,
- como um furado em atividade, atua no vazio e, sem a discriminação da sabedoria e a harmonia do amor, engendra, em longo prazo, a destruição da vida no planeta.
- Vê-se, na história da ciência, que esta se inspirou em dados da tradição. Quanto à tradição, jamais se inspirou na ciência.
- A metodologia da descoberta da Realidade implica uma vivência que é uma auto-descoberta, resultado de um trabalho sobre si mesmo que leva à iluminação, cuja transmissão implica numa relação profunda entre mestre e discípulo; ela não é possível por via exclusivamente intelectual. Ao contrário da tradição, a transmissão científica implica a aquisição de um saber intelectual; ela

difícilmente aceita a autoridade pessoal de um mestre carismático e considera subjetiva a auto-des-coberta.

A maioria dessas idéias está dispersa em inúmeros escritos antigos e modernos. René Guénon, no início deste século, foi, sem dúvida, o autor mais categórico a respeito.

Nos Estados Unidos, no âmbito do movimento transpessoal, o hermeneuta Ken Wilber⁵ se levanta contra toda extrapolação prematura e insiste num fato fundamental: os físicos jamais afirmaram que suas descobertas confirmam os pontos de vista da tradição. Wilber mostra que, pelo contrário, a existência de um acordo entre aqueles que se questionaram sobre o assunto, como Einstein, Schrödinger, Pauli, Eddington, James Jeans, entre outros, demonstra uma incapacidade e uma limitação da física para definir a realidade última das coisas. Como se sabe hoje, a interação entre o observador e o objeto de experiência é um empecilho fundamental.

Michel Cazenave⁶, na França, antes de aceitar a rubrica “ciência e tradição”, hesita longamente em concordar com ela. Opõe-se a toda mistura e confusão e insiste, ele também, naquilo que denomina a “validade regional” da ciência. Propõe que sejam respeitadas a “especificidade, a necessidade interna, a autenticidade e a estruturação intrínsecas de toda domínio de estudos, seja ele qual for”. Compreender e situar as diferenças a fim de articulá-las de maneira tal que elas se “revezem e ‘dialetizem’ reciprocamente”, essa é a sua proposta.

A Declaração de Veneza e a transdisciplinaridade

Essa tomada de posição de Michel Cazenave é também a do físico francês Basarab Nicolescu. Em seu livro mais recente⁷, defende a tese fundamental, que é também sua conclusão, de que deve ser possível chegar a uma “transdisciplinaridade” resultante de um trabalho de encontro em profundidade entre especialistas sérios dos diferentes ramos da ciência e da tradição.

A transdisciplinaridade é uma proposição de síntese entre essas duas tendências que abordamos rapidamente. A idéia desenvolveu-se a ponto de tornar-se objeto de uma recomendação, sob a égide da Unesco, da Declaração de Veneza⁸. Citemos textualmente o artigo 2:

O conhecimento científico, através de seu próprio movimento interno, chegou aos confins onde pode começar o diálogo com outras formas de conhecimento. Nesse sentido, reconhecendo as diferenças fundamentais entre a ciência e a tradição, constatamos, não sua oposição, mas sim sua complementaridade.

O encontro inesperado e enriquecedor entre a ciência e as diferentes tradições do mundo permite pensar no aparecimento de uma nova visão da humanidade, talvez mesmo de um novo racionalismo, que poderá conduzir a uma nova perspectiva metafísica.

A Declaração de Veneza é sem dúvida o evento mais importante no que se refere à abordagem balística da Realidade. Resume o pensamento de dezoito participantes, entre os quais se contam vários Prêmios Nobel, cientistas, filósofos e literatos; são todos, praticamente, professores universitários dos diferentes continentes do mundo. Trata-se de fato de uma abordagem do Real como objetivo fundamental, tal como indica o artigo 3, também reproduzido na íntegra:

Embora recusemos todo projeto globalizante, todo sistema fechado de pensamento, toda nova utopia, nós reconhecemos, ao mesmo tempo, o caráter urgente de uma pesquisa transdisciplinar verdadeira, num intercâmbio dinâmico entre as ciências “exatas”, as ciências “humanas”, a arte e a tradição. Nesse sentido, essa abordagem transdisciplinar se acha inscrita em nosso próprio cérebro, graças à interação dinâmica entre seus dois hemisférios. O estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, poderá assim aproximar-nos mais do real e permitir que melhor enfrentemos os diferentes desafios da nossa época.

Possíveis pontos de concordância

Entre os pontos que parecem configurar um certo acordo entre a ciência e a tradição e que merecem ser aprofundados por trabalhos transdisciplinares, poderíamos citar as proposições que se seguem. Algumas delas constituem, do ponto de vista da tradição, um saber definitivo; da perspectiva da ciência, não são, talvez, mais do que hipóteses de trabalho:

- O espaço, que constitui ou de onde emana a energia, sob suas diferentes formas, não é vazio; e o vazio absoluto não existe, O espaço é inseparável do potencial energético.
- A manifestação das formas energéticas está em constante mudança; a característica essencial de toda forma é sua transitoriedade.
- As formas de energia, tais como aparecem aos sentidos, são, em última instância, ilusórias.
- Ocorre o mesmo com as três dimensões do tempo.

- A matéria não se compõe de elementos, mas de eventos energéticos, organizados em sistemas.
- Podem-se distinguir sistemas físicos, biológicos e psicológicos, em constante interação, que têm a energia como denominador comum.
- Por trás da aparente descontinuidade intersistêmica e intrasistêmica, existe um *continuum* fundamental de ordem não dual.
- A lógica formal não basta para explicar esse paradoxo; embora possa ser modificada em função das descobertas da ciência, a abordagem racional não pode suplantar a vivência direta da Realidade, que os métodos dos caminhos tradicionais permitem.
- O nome não é a coisa, o mapa não é o território. A linguagem, fundamento de todo conceito, constitui o obstáculo ao caminho da realização da verdadeira natureza das coisas, em virtude do seu aspecto essencialmente dualista.
- Apesar desses obstáculos, mostrou-se possível, através de métodos próprios das ciências humanas, analisar os testemunhos de estados de iluminação e, por intermédio de métodos biológicos, detectar seus componentes fisiológicos. Não se sabe até que ponto as extrapolações ou paralelos estabelecidos entre os dados das ciências “exatas” e o conteúdo desses testemunhos poderão ultrapassar o estágio especulativo.
- A vivência da Realidade é função do estado de consciência de cada pessoa. A ciência é quase inteiramente produzida no estado de consciência desperta. A tradição é fruto de um estado de supraconsciência ou de iluminação, que ela considera ser o único estado verdadeiramente “desperto”.

Esta última proposição, que já discutimos em outro texto⁹, constitui a dificuldade fundamental de uma abordagem transdisciplinar da iluminação: como pode a ciência, trabalhando em determinado estado consciente, ter condições de estudar e de apreender a iluminação, que se produz num outro estado de consciência, considerando-se que um véu tão opaco separa esses dois estados?

Quais são as alternativas?

Várias soluções podem ser sugeridas:

- Prosseguir o caminho da penúltima proposição, quer dizer, analisar e comparar o conteúdo dos testemunhos entre si, mensurar as reações fisiológicas e especular sobre os possíveis paralelismos entre os testemunhos e as observações, hipóteses e conclusões científicas.
- Tentar extrair hipóteses sujeitas a verificações experimentais, como consequência lógica dessas especulações.
- Charles Tart nos oferece uma outra alternativa, propondo¹⁰ que o cientista que deseje especializar-se no estudo daquilo a que denomina “estados modificados da consciência” passe, ele mesmo, por esses estados. Em outros termos, seria necessário, no que se refere ao nosso assunto, que esses cientistas fossem, eles mesmos, “iluminados”.

A proposição de Tart é exequível, quanto aos fenômenos parapsicológicos, para os quais existem hoje métodos indutivos de aplicação relativamente fácil, sobretudo no que se refere a pessoas dotadas. Mas, como demonstramos neste mesmo trabalho, a percepção extra-sensorial, a pré-cognição e a retrocognição, assim como a psicocinética, são fenômenos nos quais subsiste ainda a relação sujeito-objeto – o que já não ocorre na vivência transpessoal da iluminação. Salvo raras exceções, esta é fruto de um trabalho autodirigido, realizável, por vezes, numa só existência.

Enquanto esperamos que os cientistas alcancem esse estágio, não restam senão as duas primeiras alternativas, que são também complementares. E recomendável, além disso, que os pesquisadores se engajem num dos caminhos tradicionais. A medida que forem limpando sua trilha, aumentará a própria lucidez de sua investigação. É provável que descubram uma nova lei, que proponho aqui a título de hipótese, com base em minha experiência pessoal: da mesma maneira como a experiência da realidade é função do estado de consciência em que se encontra o sujeito, a qualidade da pesquisa científica e de sua interpretação é função do nível evolutivo holístico do cientista.

Tudo indica que a ciência seja uma abordagem da Real que se limita a um dos lados apenas, e que a tradição mostra como ver a partir dos dois. Engajar-se num caminho é aprender a ver também o outro lado; a síntese final, para o cientista, vem por si mesma. Com a condição, contudo, de que ele aceite que a racionalidade tem limites, e que a dialética e as ortodialéticas de potencialização e de atualização transfinitas, por serem realizações intelectuais, permitem descobrir lógicas contraditória, já que o mental é contraditório. Lupasco, que chegou aos limites do possível em matéria de epistemologia, mostra isso com clareza quando nos alerta para um fato fundamental: a afetividade não

obedece às leis da energia; ela é, pura e simplesmente – essa é a razão do coração que a razão desconhece. Aquilo que a tradição pode transmitir ao cientista, através da vivência da Luz inseparável da vacuidade espacial, é a superação de toda espécie de contradição, isto é, dos limites do pensamento conceitual.

NOTAS

1. LeShan, L., “Physicists and Mystics: similarities in a world view”, in *The Journal of Transpersonal Psychology*, vol. 1, Nº 2, 1969.
2. Capra, F., *O Tao da Física, Cultrix*, São Paulo, 1987, 3ª edição; ver *Science et conscience*, Ed. Stock, Paris, 1982.
3. Ruyer, R., *Le gnose de Princeton*, Hachette, Paris, 1977.
4. Charon, J. E., *O Espírito, este Desconhecido*, Melhoramentos, São Paulo, 1981.
5. Wilber, K., *Le paradigme holographique*, Ed. Le Jour, Paris, 1984.
6. Cazenave, Michel, “Discipline et rigueur”, in “L’Eveil du Coeur”, *Itinérances*, nº 1, Albin Michel, Paris, 1986.
7. Nicolescu, Basarab, Nous, *la particule et le monde*, Le Mail, Paris, 1985.
8. “Déclaration de Venise. La science aux confins de la connaissance: le prologue de notre passé culturel”. *Itinérances*, nº 1, Albin Michel, Paris, 1986, pp. 209 e seg.
9. Weil, P., “La Conscience Cosmique, Introduction à la Psychologie Transpersonnelle”, Paris, in *L’Homme et la connaissance*, 1982 (tradução provisória).
10. Tart, Charles, “Scientific foundation for the study of altered states of consciousness”, in *The Journal of Transpersonal Psychology*, 1971, nº 2, p. 93-124.

PARTE III

ALGUMAS QUESTÕES RELEVANTES

Durante as conferências nas quais abordamos estes temas, certas perguntas repetem-se com mais freqüência. Seleccionamos algumas, respondendo-as:

O que se entende por plena consciência?

Existem, segundo as tradições e as recentes pesquisas transpessoais, quatro estados ditos “de consciência”: o estado de vigília, o estado de sonho, o estado de sono sem sonhos e o estado de plena consciência ou vivência holística.

As características da plena consciência são conhecidas através das tentativas de descrição dos que a vivenciam: inefabilidade, carácter paradoxal, saída do espaço-tempo, não-projeção da mente sobre os objetos, superação da dualidade sujeito-objeto ou estado não dual, vivência de uma luz radiante que impregna o espaço, vivência da vacuidade plena, vivência de amor indescritível, sentimento de viver a realidade como ela é, perda do medo da morte e descoberta do verdadeiro sentido da existência.

Como já afirmamos, componentes fisiológicos caracterizam esse estado que é, neste nível, passível de mensuração através da eletroencefalografia, da avaliação de mudanças circulatórias, respiratórias, eletrocutâneas, etc.

A plena consciência é acompanhada também pelo fim do sofrimento psicológico, pelo despertar da verdadeira sabedoria, indissociável do amor, e por uma ilimitada capacidade – ou limitada apenas pelo corpo físico – de aliviar o sofrimento dos outros, aproximando-os da alegria de viver.

***Os princípios aqui expostos não se inscrevem
dentro de uma tendência idealista?***

Se entendermos por idealismo a prevalência da idéia ou do espírito sobre a matéria, ou como sua precedência histórica e causal, ou, ainda, como oposição dualista, a resposta faz prever um duplo enfoque:

Do ponto de vista da hologia, a questão pode ser esclarecida inter-relacionando-se os dados da física moderna, os quais demonstram que a matéria é luz, que as unidades subatômicas são partículas e ondas, comportando-se segundo programas inteligentes, com os dados da psicologia transpessoal, que por sua própria e distinta abordagem descreve estados de consciência nos quais é vivenciada uma luz cuja característica é ser “inteligente”. Neste enfoque, sublinhamos a necessidade da realização de encontros de estudo, reflexão e integração entre representantes reconhecidos de diferentes dialéticas, mais particularmente os materialistas, com físicos de laboratórios de alta energia e psicólogos transpessoais, para examinar a hipótese eventual segundo a qual a oposição matéria-espírito seria superada pelas recentes descobertas. Esta é unia das funções essenciais da UNHI (Universidade Holística Internacional), através de projeto ou projetos especiais. É também objetivo da UNHI tornar realidade a Declaração de Veneza, da Unesco, que recomenda como necessário o encontro entre a ciência moderna e as tradições da sabedoria da humanidade. São tradições que descrevem, com diferentes nomes, o estado transpessoal ou vivência holística, transcendendo o nível conceitual, apontando o Real como situado além de qualquer tipo de dualismo: sujeito-objeto, absoluto-relativo e espírito-matéria.

Essas oposições são produto da mente racional, que as cria por motivos utilitários e de sobrevivência, dentro da perspectiva relativista do mundo. A própria concepção idealista ou materialista, isto é, a precedência e prevalência de um sobre o outro, implica uma causalidade linear e histórica, com um eventual “começo”. Ora, a física tem demonstrado que estes conceitos aplicam-se apenas à macrofísica, na qual ainda predomina o paradigma newtoniano-cartesiano, enquanto na microfísica a causalidade linear é transcendida, o que exige um novo tipo de racionalidade a-causal, um novo paradigma e uma nova lógica.

**“Viver a realidade como ela é”:
essa proposição não terá uma conotação conservadora?**

À primeira vista, e apenas na aparência, essa proposta parece indicar uma aceitação passiva dos fatos tais como são. E evidente que tal posição, aplicada particularmente ao campo econômico, implicaria um alienado conformismo com uma realidade onde predominam a fome, a miséria e a injustiça, sem nenhuma perspectiva de mudança.

Porém, tal como a entendemos, essa proposta é um convite a uma vivência transpessoal *sui generis*, a uma experiência interior que possibilita ver a realidade como ela é, numa visão muito mais ampla e abrangente do que a do cotidiano, embora o estado de vigília, precípua do dia-a-dia, esteja perfeitamente integrado na vivência transpessoal.

Finalmente, a história de todas as culturas e de todos os tempos nos mostra à saciedade que os seres plenamente despertos jamais se conformam com o sofrimento humano, fazendo tudo que está ao seu alcance para aliviá-lo ou erradicá-lo de vez.

***Não haverá contradição entre defender a holística
e propor o chamado rigor científico, dentro dos cânones
cientificistas das especializações atuais?***

Rejeitar o antigo paradigma, com suas implicações na macrofísica, na biologia, psicologia, etc., seria um contra-senso; os autênticos defensores do novo paradigma nunca o fazem. O novo paradigma é mais abrangente e reconhece as limitações e os perigos do reducionismo cientificista ou da extrapolação desses critérios a domínios onde não se aplicam, e nos quais urge desenvolver uma nova lógica e uma nova racionalidade.

Trata-se, isso sim, de estimular especulações e pesquisas no campo do novo paradigma, estabelecendo critérios metodológicos norteadores da sua atuação. Trata-se de prevenir processos fantasiosos e indevidos. Do encontro entre ciência e tradição surgirão novas metodologias de pesquisa, integrando razão lógica, intuição e outros processos investigativos até agora ignorados ou rejeitados pelo *establishment* científico atual. É nesse sentido que uma Universidade Holística dará sua relevante contribuição.

O próprio fato de a abordagem holística sustentar-se em duas pilastras, a holologia e a holopráxis, demonstra que, com suas metodologias próprias e complementares, ela

abrange a via experiencial e experimental. Nosso objetivo é reestabelecer o equilíbrio entre razão e sentimento, sensação e intuição.

Por que criar uma Universidade Holística e em quê esta difere de uma universidade tradicional?

A crise geral da fragmentação tem atingido de modo especial as universidades contemporâneas, que se compartimentalizaram de forma perigosa e institucionalizada. Disso decorre a transmissão de tendências reducionistas que, como sabemos, ameaçam até a nossa própria sobrevivência, atualmente, a institucionalização impede, pela existência de verdadeiros feudos

epistemológicos, a livre circulação da informação. De outro lado, a chamada “neutralidade” científica acabou por desvincular a ciência da ética e do amor à vida.

Eis por que é necessário criar, com urgência, um novo tipo de universidade na qual essas distorções possam ser corrigidas e uma nova mentalidade, orgânica e integrativa, seja implantada, para fazer frente aos novos e imensos desafios que o futuro imediato nos reserva. Esperamos que as universidades tradicionais, estimuladas pela expansão inexorável do movimento holístico internacional e por movimentos internos espontâneos, introduzam de modo gradativo esta nova visão, através de seus próprios e naturais movimentos de renovação.

A UNIU (Universidade Holística Internacional de Brasília criada pela Fundação Cidade da Paz) será, pois, orientada e direcionada por esta visão emergente, definida por um novo paradigma, o paradigma holístico, e centralizada no desenvolvimento da plena consciência. Através de pesquisas, ensinamentos e experiências comunitárias no próprio campus, a UNHI procurará dar informações a todos que se interessem, ou proporcionar uma formação sistemática holística de base para ser aplicada na vida profissional e cotidiana.

Sendo, por sua própria natureza, distinta das universidades tradicionais, a UNHI evitará, também dentro do possível e adequado, incluir no seu corpo doutrinário disciplinas clássicas transmitidas por aquelas universidades. Por outro lado, serão elaborados projetos especiais de assistência a elas, para desenvolver a visão e os princípios da abordagem holística no seu corpo docente.

A plena consciência não seria tona volta à religião?

Quanto à visão holística, à abordagem holística, seriam uma nova religião?

Uma das interpretações da etimologia da palavra “religião” é o termo latino *religare*, que significa religar o que está desligado. Religar o indivíduo ao seu contexto social e natural; religar corpo, sentimentos, mente e espírito; religar a mente à sua própria natureza. Este é o objetivo das autênticas tradições da sabedoria, sejam elas cristãs, hinduístas, budistas, sejam judaicas, muçulmanas ou taoístas. Como os antigos pré-socráticos, elas não distinguem entre ciência, arte, filosofia e religião. Infelizmente, os próprios credos também se fragmentaram, muitas vezes desvinculando-se de suas origens, que eram sustentadas pelo fundamento comum da vivência não dual.

Portanto, a abordagem holística propõe o imprescindível reencontro entre a legítima ciência e a legítima tradição, na direção de uma síntese que forçosamente transcenderá a ambas, inaugurando o que Basarab Nicolescu denominou de metaciência.

A nova abordagem transdisciplinar está na base do paradigma holístico. É importante ressaltar que não se trata de uma indiscriminada fusão da ciência com a espiritualidade, já que ambas possuem caminhos e metodologias próprias e intransferíveis. Como afirmou Fritjof Capra, a ciência não necessita da mística e esta não necessita daquela; o homem, contudo, necessita de ambas.

Pontifex é um antigo termo latino, lembrado por Aldous Huxley, que significa “construtor de pontes”. A grande finalidade da UNIU é gerar o novo *pontifex*: um ser humano desperto, de mente inclusiva, dedicado à missão de lançar pontes sobre as fronteiras que fragmentam a razão e o coração do homem.